

PQ

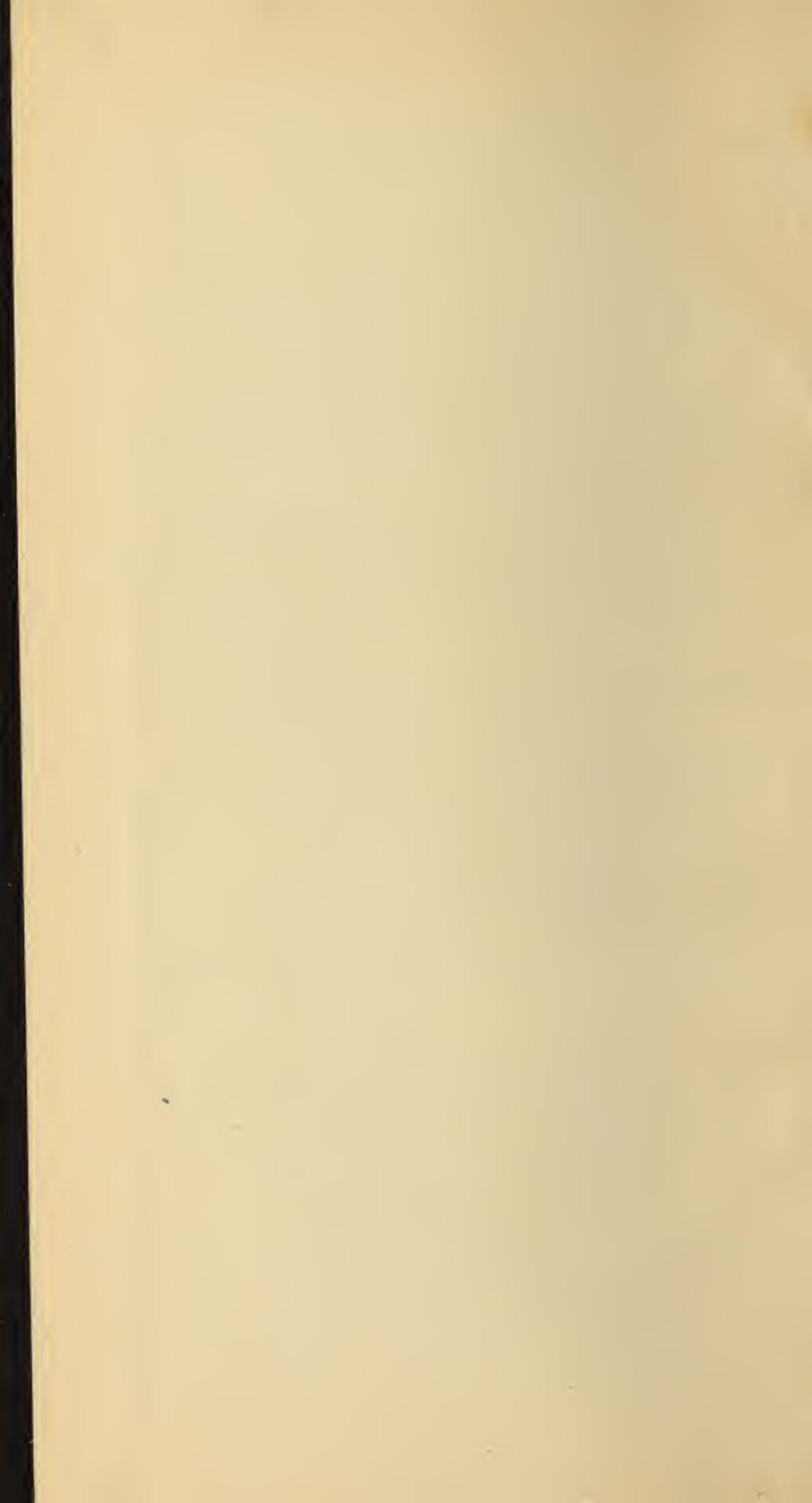
9261

R₃N7



Class PA 9261

Book . R3 N7



NOVAS POESIAS

DE

JOSÉ RAMOS COELHO

Author dos Preludios Poeticos, traductor do Tasso,
Cavalleiro da ordem italiana de
S. Mauricio e S. Lazaro,
Socio correspondente da Academia Real
das Sciencias de Lisboa,
e honorario do Gabinete Portuguez de Leitura
do Maranhão

PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR
Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1866



NOVAS POESIAS

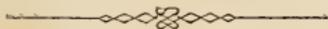
MOYAS PUEBLO

NOVAS POESIAS

DE

JOSÉ RAMOS COELHO

Author dos Preludios Poeticos, traductor do Tasso,
Cavalleiro da ordem italiana de
S. Mauricio e S. Lazaro,
Socio correspondente da Academia Real
das Sciencias de Lisboa,
e honorario do Gabinete Portuguez de Leitura
do Maranhão



PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR
Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1866

PQ 9261
R3N7

387270

'29

PORTO—TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges, 31

Quasi todas as composições que formam este volume são posteriores aos meus *Preludios Poeticos*, dados á luz em 1857. Por isso lhe chamo *Novas Poesias*.

Composto na maior parte de peças originaes, avultam, comtudo, n'elle algumas traducções, e entre estas o *Cahir das Folhas*, de Millevoeye, já traduzido pelo snr. Alexandre Herculano, e que anda na sua *Harpa do Crente*, e a *Ode a Napoleão*, de Manzoni, julgada, por assim dizer, intraduzivel pela sua concisão e valentia, principalmente seguindo as grandes exigencias metricas do texto, o qual vai em frente da versão para se comparar com ella.

As poesias originaes, exceptuando muito poucas, foram nascidas do amor da mulher e do amor da patria, os dous affectos mais poderosos no coração do homem, e podem ser julgadas os eccos dos meus sentimentos. A sorte que lhes desejo é que excitem no público uma porção do interesse que lhes consagro.

Quando fallo do público, dirijo-me a essas almas ardentes, poetas de natureza e não d'arte, que sentem, mas muitas vezes não escrevem, almas separadas do mundo, que se abalam á voz de tudo o

que é nóbre, e se derretem, como a branda cêra, ao fogo dos cantos da paixão e do enthusiasmo.

O que ambiciono é achar n'esses espiritos excepcionaes quem entenda as minhas mágoas e alegrias, quem se commova com a minha indignação, e se conforte com as minhas esperanças.

Posso ambicional-o? Terão esse poder os meus versos?

Não sei. Os mais que o decidam.

Depois d'este volume publicarei em breve um poema de que já conto seis cantos, cuja acção é toda ideal e de sentimento, e se passa em parte sobre as aguas do oceano, n'esse campo de tanta poesia e tanto da minha predilecção, porque a elle me prendem, além das grandes sensações da existencia aventureira dos mares, fundas e indeleveis memorias da minha vida.

Lisboa, 19 maio de 1865.

© Author.

A SOMBRA DE CARLOS ALBERTO

Funda mudez impera na cidade
Dos Cesares outr'ora, hoje de Christo,
Na duas vezes soberana, em Roma.
Deslisa pelo claro firmamento
A prateada lua, com seus raios,
Pallida alumando esses soberbos
Monumentos do engenho, e essas ruinas,
Restos de um povo que passou no mundo:
S. Pedro, o Capitolio, o Vaticano,
O Colosseu, o Pantheon, e o Circo;
A Roma de hoje e a Roma d'outras eras.
Em meio corre murmurando o Tibre,
Testemunha de tanta magestade
E de tanta mudança; o mais repousa.
Tudo está silencioso; a noite é alta.

Mas além no elevado Capitolio
Que vulto é esse? como jaz immovel!
Como alveja ao luar! marmorea estatua
O julgareis talvez, em hora boa
Por mão de insigne artista cinzelada,
Ou gemebunda sombra, que a deshoras,
Lembrada do que foi, vaga na terra.
É Cesar, o triumviro guerreiro,
O ambicioso, audaz liberticida,

Inda sonhando a imperial corôa?
É Pompeu, seu rival, morto no exilio,
Que vem chorar na patria a desventura?
É Catão que a existencia sacrifica
Para não vêr a liberdade escrava?
É Scipião? é Mario? nenhum d'elles.
Desejo insaciavel de conquistas
Não o animou na vida, mas a ideia
De reunir em reino poderoso
Um povo grande, retalhado e oppresso;
Não arrancou da espada em lucta ingloria
Contra irmãos; só estranhos e verdugos
A viram lampejar, tremeram d'ella;
Vencedor, foi magnanimo e sublime;
Vencido, a si venceu-se, e contra os males
Não foi na morte procurar abrigo;
No desterro morreu, mas elle mesmo
O demandou, para não vêr sangrando
A patria sob o ferro dos tyrannos.
Quem é pois? é da Italia o patriota,
Carlos Alberto, o plantador ardido
Da gloria, da unidade italiana.

Oh! como se ergue nobre e grandioso
No alto Capitolio, contemplando
A rainha dos seculos! A sombra
Da cidade d'outr'ora elle medita,
Elle, sombra do homem que ha passado!

Mas não é triste o rosto seu; levanta-o
Confiado e sereno; luz d'esp'rança
Lhe fulgura no olhar, como nos dias
De Rivoli e de Goito, quando ao lado
Via a victoria a coroar-lhe as armas,
E a Austria recuando espavorida;

Co'a dextra o coração comprime e aperta,
Qual se fôra inda vivo; sobre a espada
Pousa a sinistra, e os labios entreabertos
Como que vão fallar. Por largo espaço
Volve os olhos em roda, e enfim prorompe:
«Ó Roma, antiga Roma! que venturas
Te esperam no porvir! Serás de novo
Poderosa e senhora! Já vem perto
O instante de acordares do lethargo
Do teu somno de seculos. Acorda,
Acorda, capital da egregia Italia,
E ao mesmo tempo capital de Christo.
Podem juntos viver o sceptro e as chaves,
E hão de juntos viver; aquelle, dando
Leis da Sicilia austral até aos Alpes,
Estas, mandando aos povos do universo
Da crença do Homem-Deus brandos dictames.

Mas não é inda o dia destinado
Pelo Eterno. Esperai, italianos,
Romanos, esperai; e tu cidade
Do Adriatico mar, que d'entre as ondas
Espreitas o momento do resgate,
Os pulsos sacudindo, impaciente
De quebrar os grilhões, soffreia um pouco
Tambem o teu ardor; fôra improficua
Tentativa qualquer, fôra baldada.
Tu que o digas, ó alma generosa,
Ó guerreiro fatal e entusiasta,
Que, sempre vencedor, foste vencido.
Mas, vencido e infeliz, como és agora
Maior do que nas horas de triumpho,
Martyr da grande ideia italiana!
Garibaldi, consola-te comigo!
Como tu, pelejei, venci, venceu-me

A sorte, os homens não, por lhe ir d'encontro,
Por ter anticipado a empreza que hoje
Meu filho, mais feliz, prosegue e acaba.
Esperai; tambem eu aqui o espero
O dia da victoria; eu, sombra apenas
Entre os vivos, e só quando elle brilhe
Vos deixarei, e deixarei o mundo.

Julgaveis que morri? o corpo ao nada
É verdade volveu, porém comvosco
O espirito ficou, filhos da Italia.
Foi elle que ateou nos vossos peitos
Da liberdade a chamma, que no exilio,
Nos horrorosos carcereos, na morte
Vos confortou, apóstolos da patria;
Foi elle que em Magenta, em Solferino,
E em tantas outras pugnas deu alento
Aos livres esquadrões contra as cerradas
Fileiras de oppressores e de escravos;
É elle que vos ha de abrir as portas,
Não com ferro, com ramos de oliveira,
D'esta cidade, da fadada côrte
Do reino italiano, emfim de Roma.»

Assim dizendo, a inspiração divina
Lhe irradiava o rosto, e resoava
A sua voz poderosa, como um ecco
Dos arcanos de Deus.

«Porém que vejo,
(E apontava o occidente) ao longe, ao longe,
No fim da Europa, do oceano á beira?
O meu sangue se casa ao sangue illustre
Do portuguez monarcha. A minha divida
Pagas, ó filho meu, co' o mais querido,

Mais do teu coração, co'a propria filha.
Dous legados, além do diadema,
Eu deixei: um ao solo do meu berço,
À minha cara Italia, o outro á nobre
Terra de Portugal em cujo seio
Me acolhi na desgraça, e em cujos braços
Carpido e amado me apartei do mundo.
O primeiro nos campos de batalha
Começaste a cumpril-o, expondo a vida
No mais rijo da lucta, e confiando
À fortuna da guerra, á varia sorte
Os subditos fieis, a avita c'róa.
Esse já perto o vejo do seu termo;
O segundo de todo eil-o cumprido!
Que prazer! quanto góso n'este instante!
Italia, Portugal, são minha patria
Uma e outro; escutou-me alegre aquella
Apenas vim á luz; este escutou-me
Compassivo ao morrer o extremo alento.
Que amizade, que ardor, que enthusiasmo
Não achei n'esse povo, tão sublime
Como os seus feitos de que brilha a historia,
Quando o fui procurar quebrado e triste,
Após o dia da infeliz Novara!
Qual a seu conterraneo, me acolheram;
Cingiram-me de affecto e de carinhos;
Quinhoaram com animo brioso
A minha acerba dôr, e quando a morte
D'entre elles me roubou, com pranto e lucto
Inda a memoria unanimes honraram,
Nem que fôra seu rei, do pobre estranho,
Do monarcha vencido e desterrado.
De divida tamanha a maior parte
Pertence a ti, ó Porto, inclita origem
Do nome portuguez, valente berço

Da sancta liberdade lusitana.
Foi a ti que eu busquei entre as cidades
Do mundo para escudo contra os tiros
Da fortuna cruel, a ti, de ha muito
Costumado a tomares o partido
Do fraco e do opprimido, e que em teus muros
D. Pedro defendeste, e os seus heroicos
Soldados em tenaz e duro assedio
Contra a hoste infinita dos tyrannos,
Crus algozes dos seus.

Ao claro neto

Do rei, libertador dos portuguezes,
Te vaes unir, ó filha de meu filho.
Serás feliz; de paz e de alegria
Vida longa te espera sobre o solio
D'onde tantos monarchas poderosos
Dictaram n'outro tempo leis aos mares,
E d'onde agora nova luz começa
A scintillar, a dardejar esp'ranças.
Do esposo ao lado encontrarás a dita
Que podes ter no mundo, e que merece
Teu coração affavel, virtuoso.
Os portuguezes te amarão, querida,
Bem como sua mãe, pois da corôa
Só filhos querem ser e não vassallos.
Como na nossa terra, liberdade
Entre elles verte o ar, sereno e puro,
Igual ao nosso ar; o céu benigno,
Prodigo chove flôres sobre o solo,
E ditosa abundancia. Ah! quantas vezes,
Vendo-lhe o meigo azul, e ouvindo a falla,
A maviosa falla portugueza,
Tu não dirás comtigo: eis minha Italia!
Outras vezes tambem far-te-hão saudades

Os teus campos, teu pae, e irmãos presados,
E a causa consagrada a que não podes,
Presente, vêr o fim; mas escutando
Como o desejam todos que te cercam,
Todo o teu povo amigo, e como sempre,
E a cada passo de teu pae repete,
E dos nossos heroes os grandes nomes,
Ainda pensarás: eis minha patria.
Depois, quando chegar o dia escripto
Pelo Eterno no livro dos destinos
Em que ha de esta cidade abrir as portas
A seus irmãos, e aqui no Capitolio
Arvorar a bandeira italiana
A mão da liberdade, ó minha filha,
Lá no teu novo reino o fausto annuncio
Saberás pelo brado fervoroso
De Portugal inteiro, o qual unisono
Dirá: Roma cedeu, a Italia é uma!»

Assim acaba; mas ao longe os eccos,
Pela mudez da noite retumbando,
Longamente repetem nas ruinas
As palavras finaes: a Italia é uma!
Julgareis nos seus tumulos de pedra
Os seculos já mortos levantarem-se
A confirmar o vaticinio augusto,
E que esses monumentos veneraveis
De tantas gerações se commoviam
Ao pensar no futuro que inda espera
A d'antes soberana do universo,
A rediviva Roma. Porém breve
Tudo em silencio cae; ouve-se apenas,
Como gemer de queixa dolorosa,
Do Tibre o murmurio. O branco vulto
Inda lá está, immovel, contemplando

A cidade dormida; emfim acorda
Do longo meditar, e, alçada a fronte,
Desce do Capitolio; mas seus passos
Não produzem rumor; pausado, lento,
Marcha ao clarão da lua entre as ruínas
Té se perder dos muros derrocados
Do vasto Colosseu na sombra enorme.

O CAHIR DAS FOLHAS

(DE MILLEVOYE)

Já do outomno o sopro agreste
De folhas o chão cobriu;
O rouxinol não gorgeia,
Seu manto o bosque despiu.
Pela floresta querida,
De sua infancia companheira,
A passo lento vagando,
Do tumulto quasi á beira
Pela doença levado,
Um mancebo assim carpia:
«Adeus, meu bosque adorado,
Adeus, ó minha alegria!
No dó que trajas meu fado
Eu leio; vens-me dizer
Em cada folha cahida
Como passa a minha vida,
Que breve devo morrer.
Da sciencia a voz fatal
Meu termo cruel prediz:
Estas folhas, inda mal,
Não vês seccar? infeliz!

É pela vez derradeira!
Cerca-te noite agoireira,
Negra noite sepulchral;
Mais que o outomno desmaiado,
Para a morte a caminhar,
Os teus annos, desgraçado,
Antes da relva do prado
Para sempre hão de murchar.

«E morro!—um vento funesto,
Frio, gelado, me roçou!
Mal passava a primavera,
E já o inverno chegou!
Planta n'um dia quebrada,
Ornavam-me algumas flôres,
Mas não deixam nenhum fructo
Os meus languidos verdores.

«Cahe ephemera folhagem,
Vem esta senda encobrir
A minha mãe, que não saiba
Onde o filho vai dormir.
Mas, se ao fenecer da tarde
Minha amante a soluçar
Na lameda, consternada,
Sobre mim vier chorar,
Com teu ultimo ruido
Quebra o fundo somno meu;
Que a veja ainda na terra,
Como um consolo do céu.»

Assim disse; após instantes
Foi-se, e nunca mais voltou.
Do bosque a ultima folha
Seu dia extremo marcou.

Á sombra d'alto carvalho
O sepulchro lhe cavaram;
Mas as lagrimas da amante
Nunca a pedra lhe regaram!
Só á tarde, quando acaso
O pastor alli passava,
Aquella mudez da morte
Com seus passos acordava.

QUADROS DE AMOR

Amo-te muito, oh! muito! o que eu queria
Era viver contigo, ó minha amada,
Era ter-te, era achar minha alegria.
Ai! a vida sem ti não vale nada.

Não vale nada o céu que não me escuta,
O sol que não me aclara o coração,
A paz, o gôso, porque vivo em lucta,
O mundo, pois sem ti é solidão.

Soffro mais do que o pobre prisioneiro
Sem luz, sem ar, em carcere medonho,
Só aguardando o fim do captiveiro,
E entrar na vida que imagina um sonho.

Ai! tambem eu ás vezes imagino,
Acostumado ás dôres e ao soffrer,
Que não pôde mudar o meu destino,
Que hei de ser infeliz até morrer.

Porém não, que me esperam os teus braços
Com promessas de amor e f'licidade;
Porém não, que já quebro os ferreos laços,
E vejo enfim raiar a liberdade.

D'antes era meu peito solitario,
Cheio de pranto, de amargura e dó,
E meu pensar, qual crepe funerario,
Cobria o mundo aborrecido e só.

Por mim fazia ideia da existencia,
E triste supportava a minha sorte,
Esperando acabar tanta inclemencia
Quando no tum'lo me abraçasse á morte.

Mas agora que te amo e te conheço,
Agora que em teus olhos vejo a luz,
Que ha de alegre tornar quanto aborreço,
Que a existencia dos anjos me traduz,

Agora quero a vida, mas contigo;
Quero sair do carcere medonho,
Em delicias trocar este castigo,
Haver-te, ó cara, realizar meu sonho.

Oh! como deve ser bello
De ti junto, minha amada,
Vêr a vida transmudada
Toda animar-se e florir;
Vêr dos céos a face pura,
E a celeste f'licidade
Da tua alma na bondade,
Dos teus labios no sorrir.

Oh! como deve ser bello
Depois da lida o descanso
No socegado remanso
Do nosso ninho de amor,
Como duas avesinhas
Entre os ramos acoutadas,
Pelo zephiro embaladas,
Que lhes traz do prado o olor.

D'alli veremos felizes
Mais risonha a primavera,
Que por nós anciosa espera,
De flôres cobrir o chão,
E, invejosa de tuas graças,
Convidar-nos, minha bella,
Para da nossa janella
Dizermos se é linda ou não.

D'alli veremos o estio;
E, fugindo às suas calmas,
Refrigerio as nossas almas
Uma na outra hão de achar;
Alli teremos os fructos,
Fructos de amor saborosos,
Que todo o anno viçosos
Crescem dentro em nosso lar.

Depois, quando o outomno triste
Fizer cahir a folhagem,
Quando o vento em vez da aragem
Esfriar o ardor do sol,
Do nosso ninho a alegria
Não cairá sobre a terra,
Não farão os ventos guerra,
Cantará o rouxinol.

Emfim de nuvens toldado
Virá o rispido inverno;
Mas o vivo fogo eterno
Que de amor nos faz arder,
Com seu clarão radiante,
Com seus sopros inflammados
Esses dias regelados
Ha de em calor converter.

Oh! que tantanha ventura
Assim felizes vivermos!
E ainda quando soffreremos
Da desgraça o vendaval,
Como, repartindo as mágoas,
Até faremos ser bellos,
Com cuidados e desvelos,
Os soffrimentos, o mal.

Mas este quadro é bem longe!
Vejo-o só por entre o pranto!
E assim mesmo prende tanto,
Respira tanto primor!
Que será quando os meus olhos
De si junto o contemplarem,
E estas lagrimas seccarem
Aos raios do teu amor!

Que será... mas que sou hoje?
Eis o fatal pensamento
Que me agrilhôa ao tormento
O rasgado coração!
Eis porque eu desejo a vida,
A vida, a vida a teu lado,
Mais que a luz o encarcerado
Em tenebrosa prisão.

ESBOÇO

Que aroma rescende a aragem
Quando passa em teus cabellos!
Como a luz dardeja e fere
Ao dar em teus olhos bellos!

Que para ser mais formosa
Mesmo a luz de ti precisa,
E nas tuas longas tranças
Bebe o seu perfume a brisa.

Corre suave o regato,
Mas da voz tua a doçura,
Se acaso sôa, lhe presta
Mais harmonia e brandura.

É mais doce que o regato
Essa tua voz divina,
E se elle quer igualar-te,
Pelos sons d'ella se afina.

Gabam da rosa a belleza,
Gabam do lirio a candura;
Mas quando comtigo andam
Augmentam de formosura.

Que não sei que sympathia
Tens, ó flôr, co'as outras flôres,
Que as realças com teu brilho,
E lhes dás mais finas côres.

O céu azul é formoso,
Porém tu, se os olhos fechas,
Nem que o céu cobrissem trevas,
Em trevas a terra deixas.

É que quando o céu se tolda,
Tu, abrindo os olhos teus,
Nos dás luz, e, quando os cerras,
Tambem se cerram os céos.

Que ha no mundo que se iguale
Da palmeira á gentileza?
Pois nada é junto a teu corpo
Tão gentil por natureza;

Que, se quando tal disseram
Acaso fosses nascida,
Comtigo o que ha mais airoso
Compararam, minha vida.

O teu sorriso sereno,
A tua graça delicada,
O teu collo feiticeiro,
A tua bôca perfumada,

Com que serão comparados?
Com tudo que bello houver;
E verã que a minha amada
Não é de certo mulher.

Para descrever sua alma,
Basta dizer que é ainda
Muito mais que estes primores
Muito mais perfeita e linda.

Assim a mente enlevada,
No céo, no sol, nas estrellas,
Imagina o infinito,
E de Deus as obras bellas.

JOSÉ ESTEVÃO

Calou-se a grande voz! Chora a tribuna
Seu facundo orador; um seu luzeiro
A liberdade; a patria um nobre filho.
Hontem cheio de vida; hoje cadaver!
Hontem por entre nós passando ainda
Festejado de todos—para todos
Sorrindo franco e alegre, como esp'rança
De seus irmãos, do povo—hoje passando
Tambem por entre nós, porém caminho
Do sepulchro, mas frio, inanimado!
Sem nos sorrir, sem nos ouvir! perdido!

É possível?—perdido, e para sempre!
A tanta eloquencia a eloquencia
Do nada succedeu! Em vez d'applausos
De enthusiasmo, de gritos d'alegria,
A multidão, que sempre o acompanhava,
Ora o segue á morada derradeira,
A soluçar, em suffocado pranto.

Foi-se aquella palavra calorosa
Que levava apoz si, como torrente,
Todos os corações; aquelle brado
Contra a força e injustiça; aquelle appello
A tudo que era puro e generoso.

Nunca mais o ouviremos trovejando
Ferver indignação, qual n'esse dia
Em que desaggravou da patria a affronta,
Quando, vergonha da nação franceza,
A aguia, emblema do que é livre e augusto,
Veio, abutre, ultrajar um povo inerme,
Forte sómente em sua justa causa,
Que era a da humanidade, e á ferrea pena
Das nossas leis roubar os mercadores
Do pobre negro, e de um commercio infame.
Arrojo, inspiração, nobreza d'alma
Tudo n'elle brilhava n'esse dia
Que ninguem esqueceu; julgaram todos
Vêr Portugal erguer-se, altiva a fronte,
Não réo, porém juiz, lançando em rosto
Ao vencedor o vencimento indigno.
Era a patria a fallar; era o protesto
De um povo despresado (n'outro tempo
Grandioso e potente, e que hoje mesmo
Poderá ensinar o que é ter alma
Às primeiras nações); candente a phrase,
Qual do seu peito o fogo, e fervorosa
Dos labios lhe sahia; fulminava
Com os olhos; co'o braço distendido
Como que ameaçava; era sublime!

Calou-se a grande voz da liberdade;
Cahiu o braço que luctou por ella!
Tribuno popular dos homens livres,
Serviu-lhes de pharol de salvamento
Na furia da borrasca, e muitas vezes
Co'a palavra inspirada e poderosa
Sobrelevou da tyrannia os gritos.
Quando foi necessario sempre firme
O encontraram no posto de mais risco.

Ainda ha pouco tempo na tribuna
O vimos levantar contra as ideias
Que esses negros apóstolos do erro
Prégavam sem pudor, sob a apparencia,
Sob o nome da sancta caridade.
Aos golpes seus que o povo secundava
O templo da traição tremeu na base;
E, intimidada abandonou, fugindo,
As nossas terras a infernal cohorte.
Ó praias do Mindello, ó Porto, ó dias
De provação, de p'rigos e pelejas,
Dizei como elle combateu sem medo
À frente d'esses jovens patriotas
Que trocaram os livros pelas armas
Quando a patria o exigiu; como ante a morte
Nunca a face voltou, fiel soldado;
Só para conquistar a liberdade
Expondo a vida no verdor dos annos.

Pranteia, Portugal, perdeste um filho
Como has tido bem poucos. Prompto sempre
A te servir co'a voz, co'a penna e espada,
Quaes as mercês que te pediu? que titulos,
Que honras o acompanharam na existencia?
Não as que tu lhe deste, mas sómente
As que elevam o homem que na senda
Caminha da virtude e do direito;
Não os brazões e titulos rendosos
Que dispensa o poder, porém seus dias
De gloria, mas seu nome que não morre.

Se podesses tornar ao sol, á vida,
Ó claro cidadão tão cedo morto,
Se ao menos contemplasses por instantes
Como todos te seguem pesarosos

No momento fatal e derradeiro...
Se podésses... porém tu'alma vive,
E, ao mundo sup'rior, talvez agora
Da altura nos escuta e nos observa.
Se assim é, se de nós inda te lembras,
Abaixa a vista á nossa cara terra,
Hoje, sem ti, na mágoa sepultada,
E as filas vê do prestito funereo.
Todos sem distincção vem tributar-te
Pranto, louvor, admiração, saudade.
Os amigos fieis choram o amigo,
E vão tristes, bem como se perdessem
Parte do coração, a luz brilhante
Que no meio da treva os conduzira;
Os contrarios acurvam a cabeça,
Aterrados, attonitos, confusos,
Como o nauta que vê depois das ondas
Da tempestade a calma do oceano,
E fica meditando no naufragio
De que mal escapou, do mar na força,
No seu nada, na mão do Omnipotente;
Os nobres reconhecem que ha nobrezas
Que valem mais que a sua; e o povo, o povo,
O teu irmão que sem cessar amaste,
E que sempre te amou, lamenta a perda
Do que a su'alma e ideias resumia,
Do seu grande orador, do seu tribuno.
A dôr, a admiração uniu n'um corpo
Os que separa o odio, a intriga, a inveja;
Todos correram prestes, porfiosos,
Qual costumam correr, se um golpe d'estes
Faz gemer a nação, ou quando a espada
De invasor estrangeiro a patria ameaça.
Vê tambem como a terra onde ganhaste
Mais palmas e ovações, como Lisboa

Te destina uma estatua, um monumento,
E ao teu paiz natal, á tua Aveiro
Disputa a honra de guardar-te os restos.
Vê tudo, e lá do empyreo onde hoje moras
Tua alma folgará, não por vaidade,
Que nunca a houveste, e que nos céos não entra,
Mas por achares do teu povo o affecto
Inda depois da morte comprovado.
E, se alguma tristeza n'esse assento
De jubilo e de amor vier turbar-te,
Será por não logreres nossa mágoa
Consolar como outr'ora, e por á patria
Não poderes servir, como serviste.

SONHO

Solta a madeixa serica,
Nos hombros fluctuante,
Mais do que nunca pallido
O angelical semblante,
Vi-te, formosa sylphide
Dos pensamentos meus.

Tinhas os olhos humidos,
De languidez cobertos,
Um riso meio timido
Nos labios entreabertos,
Como sonhando em extasi
Sonhos que vêm dos céos.

E mavioso balsamo
Coou-me pelas veias,
E n'alma esvoaçaram-me
Insolitas ideias
De inexprimivel jubilo,
Como jámais senti.

Deixei o mundo, espirito
Já livre da materia;
Bem como aroma, ao fulgido
Luzir da chamma etherea,
Vendo teu brilho, vendo-te,
Ao céu de amor subi.

N'elle te fiz meu idolo;
Dei-te o mais puro incenso,
E os meus singelos canticos,
E o meu affecto immenso;
Tornei-te um mytho, um symbolo
De fé, bondade e amor.

Comtigo ousei no cumulo
Suppôr-me da ventura;
Unir-nos firme vinculo
Julguei, e eterna jura,
Dizer adeus às lagrimas,
Dizer adeus á dôr.

Mas eis que vejo subito
Teu rosto peregrino
Tornar-se qual d'estatua,
E o meigo olhar divino
Sob as fechadas palpebras
De todo se esconder.

Abres de novo os labios,
E irada assim me fallas:
Não te hei amor, enganas-te
Em ais por mim te exhalas
Em vão; meu sonho angelico
Cessa de interromper.

Ouvi-te mudo, tremulo;
E, conhecendo o engano,
Soltei penoso anhelito,
E, exasperado, insano,
Inda uma vez, a ultima,
Em ti meus olhos puz.

Mas tu, sem vêr-me, extatica
Do mundo te esquecias,
Do céu ouvindo a musica
E as gratas harmonias,
Vendo talvez o limpido
Brilhar da etherea luz.

A CAMÕES

(TRADUZIDO DE TORQUATO TASSO)

Gama audaz e feliz que o mar sulcaste
Por vêr o berço d'onde o sol nascia,
E, affrontando outra vez a equorea via,
À praia, onde elle morre, emfim tornaste;

Mais das ondas a furia exp'riimentaste
Do que Ulysses, entregue á sorte impia;
Mais que Eneas assumpto á poesia
Na tua grande empreza tu legaste.

Mas ora de Camões a tuba sôa
Tanto em seu alto brado glorioso,
Que inda mais longe que os teus lenhos vôa,

E ás nações o teu nome já famoso
Leva cingido de perpetua c'rôa
No seu canto sublime e sonoro.

SAUDADES DO ESTIO

Nunca tive de ti tanta saudade,
Meiga estação dos zephyros e flôres;
Com ellas, ao teu bafo, em liberdade
Nasceu a casta flôr dos meus amores.

Toda alegre, de gala te vestias;
Eu, triste o coração, triste o semblante,
Comparava comigo as louçanias
Do teu manto viçoso e verdejante,

Quando, lembro-me bem, fulgor mais vivo
Do que o teu sol ardente me fascina,
Me offusca a vista, leva-me captivo,
E da minh'alma as trevas illumina.

Era ella, o meu anjo procurado
Que encontrar não julgava n'este mundo;
A que podia transformar meu fado,
Inquieto e negro em placido e jocundo.

Estava n'um jardim; por companheiras
Tinha as rosas cercando-a de perfume,
Em frente um lago, e n'elle as feiticeiras
Aves mais brancas do que alpino cume.

Só, pensando, n'um banco se sentava;
Quando me viu, talvez de mim com pena,
Dos olhos, sobre os quaes os meus fitava,
Dardejou a luz vívida e serena.

Sentei-me d'alli perto; apoz momentos
Levantou-se; eu ergui-me, acompanhei-a,
Occupado de varios pensamentos,
D'esp'rança e dúvida a minh'alma cheia.

Desde então existi só para ella,
Para a vêr, para a amar, para adoral-a,
Para a seguir, como fatal estrella,
Para sempre na lyrá decantal-a.

Que saudades agora me não fazes,
Ó caro estio, ó quadra florescente;
E tu, bello jardim, quantas não trazes
Lembranças d'esse tempo á minha mente!

Mostra cada teu sitio uma memoria
D'esse amor que tu viste no começo;
• Por isso venho em ti relêr-lhe a historia,
E dizer-te o que espero e o que padeço.

Mas agora de flôres e de folhas
Estás nú; já não tens risonho manto;
Com o inverno de mimos te desfolhas,
E te embebes do céo no farto pranto.

E co'as flôres tambem a minha rosa,
A minha amada deu-te a despedida,
E se esconde, do inverno receiosa,
Sem nos dar alegria, luz e vida!

Ah! torne cedo a quadra da abundancia,
Dos risos, das esp'ranças, dos anhelos,
Trazendo a ti prazer, flôres, fragrancia,
E a mim a minha virgem d'olhos bellos.

INVOCAÇÃO

Onde estás, onde estás, ó poesia,
Que ha tanto que não vejo,
Qual costumava, o teu olhar amigo?
Embalde por ti clamo.
Já não vens, como d'antes,
Dar desaforo a minhas doces queixas,
Que em namorados versos se espalhavam,
Ou, terna companheira,
De lagrimas banhada,
Quinhoar minha dôr, dictar meus cantos.
Vem; d'onde habitas minha voz te chama;
E, se algum tempo mereci teus mimos,
Não desampares hoje
Quem d'elles mais que nunca hoje precisa.
Sinto, padeço muito, mas não posso
Quanto sinto exprimir, que tu me faltas.
Se ao menos um instante
Me fosse dado vêr-te, e na passagem
Aspirar teu perfume,
Allivio sentiria a minha mágoa.
Sem ti a vida é areal deserto;
Comtigo é qual jardim farto de flôres,
Em cujo aroma a alma se confunde,
E de contínuo para o céu se eleva.
Só tu, ó poesia,
És minha mãe, e minha irmã, e amante.
Como embala o filhinho a mãe piedosa,
Com tuas illusões tu me acalentas;
Se ella lhe dá seu leite,

Tu me dás a ambrosia e o divo nectar
Que a mente além dos mundos arrebatá.
Vela a seu lado, se elle está enfermo?
E, se eu enfermo estou, não vens sollicita
 Velar junto a meu leito?
Chora quando elle chora, e ao mesmo tempo
 Forceja por sorrir-se
Para que o pranto lhe mitigue e acalme?
 Tambem tu, quando as dôres
O coração me arrancam, de teus olhos
 Vertes lagrimas puras,
Com que em meus versos minha dôr escrevo,
 Emquanto de teus labios,
Qual pharol de esperança, se desprende
 Angelico sorriso.
Amo-te, como irmã. Nos teus encantos
Me revejo, que és tu a minha amada;
Espero-te ancioso, e se tu faltas,
 Fóra de mim, sem tino,
Tambem parece que me falta a vida.
Quanto me dizes no meu peito gravo,
 E, se acaso pudesse,
Tudo escrevera, porém não, não posso.
 E como? se os meus olhos
Enlevados nos teus do mais se esquecem?
 E tu me desamparas!...
Oh! vem, vem distrair-me d'este mundo
As mingoadas horas, povoar-me
 De um amor infinito
Est'alma solitaria, ou sobre as azas
Do quente imaginar subir-me em extasi
 Às regiões ignotas,
Onde costumás vaguear às vezes,
Até me alçar a Deus, unica fonte
 De amor e de esperança.

PRIMICIAS DE AMOR

Ai! como fui venturoso
N'aquelle tão breve instante,
Em que sofrego, anhelante,
Na tua face mimosa
Pude os meus labios pousar,
E em que os teus, minha formosa,
Senti, repleto de gosto,
Ebrio de amor, o meu rosto
Levemente desflorar.

Na terra, no céu prazer
Existe como o que eu tive?
Ai! não, que não pôde haver;
Nem nos céos assim se vive.

Nada ha que possa valer
De amor o beijo primeiro
Quando sóbe todo inteiro
Aos labios o coração,
O coração que gemia,
A estalar de fogo e vida,
Sem poder achar sahida
Á sua ardente paixão,
Que já n'elle não cabia.

Rompeu enfim, e o perfume
Que em torno de nós lançou
De prazer e de fragrancia
Os ares em que vivemos
Meigamente inebriou.
Assim em florida estancia,
Do sol ao vívido lume
O botão de rosa vêmos
Sorrir e desabrochar
Perfumando em torno o ar.

Ah! respirar já podemos;
Viver agora já posso;
Transformou-se o fado nosso
Começa novo existir.
Não é assim, minha estrella,
Não te parece mais bella,
A natureza sorrir?
Eu, por mim, outra existencia
Desde esse grato momento
Dentro em minh'alma senti,
Que de outro modo te vi;
Pois ao limpido clarão
Que teus labios dardejaram,
Quando a face me roçaram,
Observei, oh! que portentol
À sua luz teu coração.

Nem nas fallas amorosas
Que tanta vez me disseste,
Nem nas juras suspirosas,
Nem no sorriso celeste,
Nem na tua viva dôr
Eu pude crêr, como creio
N'aquelle beijo de amor.

Adeus, dúvida e receio!
Adeus, para nunca mais!
Tenho bastante soffrido
Comvosco, e as chagas fataes
Com que fui tão offendido,
Se não fosse aquelle beijo,
Que para sempre as fechou,
Chegavam a ser mortaes.

Bem; cumpriu-se o meu desejo;
Nosso ajuste eil-o sellado;
Cada vez mais confirmado
Pelo tempo ha de ficar,
Que nada o póde quebrar.

Se alguma dúvida leve
Perturbar nossa bonança,
Fugirá de nós em breve
D'aquelle instante á lembrança;
Fugirá quando dissermos:
O que! pois já é possível
Aquella noite esquecermos?
Não, oh! nunca, fôra incrivel!
Recorda-te; puro e ledó
Era o céo; claras luziam
As estrellas que nos viam;
Tudo em roda estava quedo
Quando nós nos encontramos
E aquelle beijo furtivo
N'um momento mutuamos.
E tão suave momento,
De tão estreme ventura
Em lugar de o termos vivo
Gravado no pensamento
Ha d'est'arte esquecer?
Tal não póde acontecer.

E, assim dizendo, a tristeza
Sahirá de nossos peitos,
E veremos satisfeitos
Morrer a negra incerteza,
E amor ovante sorrir,
O qual cada vez mais verde,
Cada vez mais perfumado
Ficará; tal, abalado
Do vento, o lyrio não perde
O cheiro que lhe foi dado,
Antes, mais o faz sentir.

A SETUBAL

Foi aqui que nasceste, ó Bocage;
Foi aqui, ó poeta do Sado,
Que o teu berço tiveste encantado,
O teu berço de luz e de amor.
Assim busca nos ramos virentes,
Onde reina do campo o repouso,
Fabricar o seu ninho amoroso
Da floresta o emplumado cantor.

E tamanhos enlevos deixaste,
Esta paz, este ar, esta vida,
Por correr á cidade mentida,
Onde alma não ha, nem pensar!
Foste grande, porém se ficasses
Rodeado de tantos primores
A viver na soidão co'os amores,
Quem teu nome podera igualar?

Lá morreste, n'um calix a gloria,
E a amargura a um tempo bebendo,
Para a grande cidade, esquecendo
Os teus ossos, de todo os perder!
Lá morreste, bem longe da terra
Em que déste o primeiro vagido!
Oh! melhor que tivesses morrido
Aqui onde tiveste o nascer;

Porque ao menos seriam teus restos
N'estes sitios de tanta verdura,
Em que a terra co'o céo se mistura,
Em que a alma suspira de amor,
E tiveras o ar perfumado
De teus campos, o oceano fronteiro,
E os teus a dizer ao estrangeiro:
Eis o tum'lo do nosso cantor.

Ó Setubal, ó terra formosa,
Ó ameno e risonho retiro,
Onde agora passando suspiro
Para em breve partir-me d'aqui,
Estes dias que vivo em teu seio
Nunca, nunca serão esquecidos;
Teus encantos na mente esculpidos
Me dirão que contigo vivi.

Os teus campos, teus valles, teus montes,
Oh! e d'estes que scenas diviso
Que eu esteja na campa é preciso
Para tanto chegar a esquecer,
E inda mais do que tudo que has bello
De tuas filhas a rara belleza,
Cujos olhos teem tanta pureza,
Tanto brilho e tão grande poder.

Adeus pois! ó Setubal formosa;
Fica em paz, e recebe, qual voto,
Este canto que humilde e devoto
Quiz á patria do bardo entoar.
Assim ia o romeiro de outr'ora
Em procura da terra sagrada,
E, nas aras a offerta deixada,
Proseguia no seu caminhar.

N'UM ALBUM

O que deseja o poeta,
O que espera o trovador
A que não cabe da gloria
O brilho fascinador?

Uns olhos que leiam ternos
Os cantos que elle escreveu,
Que lhe digam: crê na terra,
E lhe mostrem d'ella o céu;

Um coração com que parta
A sua dôr e alegria,
Que sinta como elle sente,
O fogo da poesia;

E se não ha quem entenda
O seu dizer magoado,
Que o deixem viver ao menos
Com seus sonhos abraçado.

SÓ TU

Tu dizes que sem mim nada te agrada;
Que as festas, os passeios te aborrecem,
 Ó minha bella amada;
Que as conversas de todos te entristecem;
 Que as foges, que as evitas;
E, nos nossos amores meditando,
Passas, longe de mim, sempre penando
As horas a teus olhos infinitas.
 E eu na tua ausencia
 Como é que passo as horas,
 Longas, longas, sem fim?
Porque é que fujo as portas do festim,
 E as turbas folgadoras?
 Porque é que da existencia
Rejeito as alegrias, e á tristeza
Só me abraço? por ti, minha belleza.

 Nem nos livros do estudo
 Eu acho agora encanto,
E em outro tempo os estimava tanto!
Com elles dias, noites me entretinha,
 Pensando attento, mudo;
 Mas transformou-se tudo
Desde que te encontrei, ó vida minha.

Perante as graças tuas vivo absorto;
Contigo, e não co'os livros me entretenho;
Para a sciencia morto,
Em ti, em ti minha sciencia tenho.
Do teu singelo peito,
Fonte do amor mais casto,
A lêr as aureas folhas satisfeito
Parte do tempo gasto;
Vejo claro o meu nome n'elle impresso
Ao chammejar do fogo abrazador,
E por elle conheço
Qual é o teu amor.

Até a minha lyra
Que foi em outro tempo a minha amada,
Meu unico thesouro,
N'outro tempo em que não te conhecia,
Como se se partira,
Agora jaz calada
Para cantar da gloria o verde louro;
Para a gloria está fria.
Só por ti arde e abraza,
Soluça, pede e geme,
Ais e ternuras casa,
Espera, chora, freme.

Ah! se ambos padecemos
Assim um do outro ausente,
Esta ausencia e tristeza terminemos.
Um tecto nos abrigue tão sómente.

Que eu veja quanto vires;
Que eu oiça quanto falles;
Que tudo que sentires
No peito meu o exhales.

Que seque o nosso choro
Ao fogo que em nós arde;
Que os bens, ó bem que adoro,
Nunca nos venham tarde.

Que a negra noite e o dia,
Os astros e as manhãs
Nos achem na alegria
As almas, como irmãs.

Que assim corram os annos
Sem nós os presentirmos,
Livres de desenganos,
Sem mais a Deus pedirmos.

Porém baldados votos!
Ai! quando chegarão
Taes dias! quão remotos
De nós ainda estão!

O JUIZO DE PÁRIS

Do Ida sobre o cume,
De arvoredo virente á basta sombra,
Aonde clara fonte
Sonora cahe, e a meditar convida,
Páris, o gentil filho
Do monarcha dardanio ha muito espera
As tres deusas do Olympo, as mais formosas:
Juno, esposa de Jove,
Minerva, e a que nasceu do mar espumeo.
Por Jupiter mandado
O alipede Mercurio, o divo nuncio
Ao troyano pastor ordem trouxera
Para alli decidir o grande pleito,
Que a Discordia raivosa
Entre as tres divindades suscitára
Quando, não sendo convidada ás bodas
De Thetis e Peleo, lançou na mesa
O disputado pomo,
Que trazia a legenda: á que é mais bella.

Assoma linda a aurora;
Fita a vista no céu, olha o mancebo
Como alastra do dia a mensageira
De rosas o oriente
Por onde venha o sol dar luz ao mundo.

Mas eis subito brilho
Inunda o firmamento, e de tres pontos
Como que tres auroras vem crescendo.
Eil-as mais perto já; eil-as; são ellas,
As peregrinas deusas,
Que em meio de translucidos fulgores
Ao Ida se dirigem,
Como a rivaes convém, por varias sendas.
Páris ao vê-las treme,
E os olhos fecha, por tal lume cegos.
Abre-os, emfim, que Jupiter lhe infunde
A tempera celeste
Porque possam soffrer tamanho incendio;
Abre-os, e vê-as que do vôo poisam
Do excelso monte no relvoso cimo.
Verte o ar ambrosia,
E de effluvios divinos se embalsama.
Correr dissereis mais sonora a fonte,
Mais verdejar a relva,
E as flôres desbrocharem
Que são de leve por seus pés tocadas.
Tudo preto lhes rende,
Tudo respira amor, e brota encantos.
Então ao rei do céu, que lança o raio,
O pastor escolhido
Em fervorosa prece se encommenda,
A qual ao throno ethereo
Sobe veloz e Jupiter a acceita.
Respeitoso depois volve-se ás deusas
E diz: oh! perdoai-me se me atrevo
A elevar até vós meus debeis olhos;
Sigo a ordem suprema
Do que governa o espaço, o mar, e a terra;
É força pois cumpril-a.

Porém que não incorra em vossa ira,
Seja qual fôr a decisão, vos peço.
Juno responde: anima-te, mancebo,
Inveja dos mortaes, que os numes amam;
Ser juiz da belleza

A ti, bello entre os mais, de certo cabe.
Julga-nos, aguardamos a sentença.
Como ella, as outras duas encarecem

Os encantos do joven,
E a escolha acertada, procurando
Todas co'os gestos e attractivos modos,
E com estes louvores captival-o.

Elle as vê e contempla;
Passeia d'uma á outra o olhar attonito,
Cogitando perplexo,
E pasmado de yêl-as fica mudo.
Como ha de decidir-se? a qual a palma?

Juno levanta a fronte de rainha,
Co'a vista impera, acostumada ao mando,
Mas, volvendo-a, captiva

Todos, pois captivou o proprio Jove.
Pallas, de olhos azues, n'elles reflecte
O empyreo, e a alma sublimar parece;
Inspira o rosto seu sciencia e gloria.

Venus, Venus no olhar toda é brandura,
Ri-lhe o prazer nos labios,
E quando falla os corações penetra.

O cabelo não prende,
Como as outras avara, mas nas costas,
Alvas de neve, solta em ondas de ouro;
Não se rebuça em veste roçagante;
Servem-lhe de vestido as proprias graças,
Deixando vêr as fórmãs

Nuas, sem véo, como as não sonha a mente.

Só, como adorno, a cinge
A petrina que a amor tudo sujeita.

Assim pensa o mancebo, e já seus olhos
Não vagam de uma á outra duvidosos;
De Paphos e de Gnido vence a deusa,
E a ella o pomo da belleza entrega,

Recebe-o Cytheréa entre sorrisos,
E lhe diz: a teu lado serei sempre,
Quando o risco o pedir; de Troya amiga,
Hei de pugnar constante
Por ella, quer na terra, quer no Olympo.
A ti dar-te-hei a taça
Do prazer, e a ventura nos amores.

Entanto Juno ao carro seu já sobe,
E Minerva a acompanha, porque ajuntam
A cólera e a vingança
Agora as que o ciume desunira.
Fulminam dos olhares,
E d'entre os labios o rancor, a ameaça.
Maldito sejas tu, Saturnia exclama,
Seja Troya maldita, e a raça impura,
Que nos seus campos vive;
D'ella e de ti vingar-nos sabèremos:
Exemplo memorando
Que ha de assustar as gerações vindouras.
E tu, Venus, remonta
Ao empyreo, alardeia a tua gloria.
Saberás quem mais póde,
Se tu, que és filha da salgada espuma,
Ou se eu, de Jove esposa,

Que hei parte no seu leito e no seu throno,
E a bellica Minerva,
De todas suas filhas a mais cara.
N'isto elevam-se ao ar, e desaparecem.

Venus Páris consola,
E contra ambas socorro lhe promette.
Deixa-o emfim na terra, e ao divo assento
Rapida se levanta
Por gosar do triumpho entre os mais deuses.
Ahi Pallas e Juno já na mente
A vingança ideavam que devia
Por tantos annos flagellar os povos.

O dardanio pastor de ouvil-as treme
Por si e pela patria,
E no futuro meditando fica.

Entanto as divindades, congregadas
Do Olympo sobre o cume,
Tinham presenceado o grande pleito,
Com que os céos a Discordia perturbára;
E, decidida a causa,
E esperadas as deusas,
Para os seus aposentos se encaminham.

CONTRASTE

Bellos sitios onde outr'ora
Vivi feliz e contente,
Que doçura e que tristeza
Ao vêr-vos minh'alma sente!

É a mesma a natureza
Que estes campos adornava,
O mesmo céo que os cobria,
E de sol os inundava.

Eis a casa onde pequeno
Em outro tempo brinquêi;
Nada mudou do que era;
Só eu do que era mudei.

Se ao menos fosse em ruínas,
Comigo se parecera,
E tão acerbo contraste
Com minha dôr não fizera.

Porém não!—e o campo e as flôres
E o sol e o céo com ella
Como d'antes inda existem;
Só é outra a minha estrellá.

E ha quem viva, e folgue, e corra
Por aqui, como eu já fiz;
Quem sorria enquanto eu gemo,
Quem se appellide feliz!

Deixal-os ser venturosos;
Não provem os fados meus;
Mas do berço á sepultura
Sem martyrio os leve Deus.

Só me pesa ter memoria
Para tanto recordar,
Coração que tanto sinta,
Vida para tal penar,

E que as lagrimas que verto
Não me apaguem esta chamma,
Que, em vão por ellas regada,
Por ellas vive e se inflamma.

A...

Em ti confio;
Julgo em ti posta
Minha esperança,
Minha ventura;
Ideias, sonhos,
Ó virgem pura
Levam-me os dias
Pensando em ti.
Inda a teu lado
Serei ditoso;
Adeus á vida
Que me desgosta!
Almos prazeres,
Eterno goso,
Uma outra vida
Já me sorri.
Grata esperança!
Real a veja!
Unes teus votos
Aos votos meus?
Ser minha queres?
Ah! se o deseja
Teu peito amante,
Abrem-se os céos;
Aos teus abraços
Morro de amor;

Goso teus mimos,
O teu primor.
Os teus encantos,
O teu perfume,
Dignos dos anjos,
Dignos de um nume,
Inteiros, todos
São para mim?
Não é verdade?
Não é assim?
Horas tardias,
Correi depressa;
O sol ardente
Da f'licidade
Cora o horisonte;
Olha, começa
Ao longe a dar-nos
A claridade.
Breve os seus raios
Em todo o espaço
Rasgam as sombras,
Vibram a luz;
Ao seu caminho
Lá lhe abre o passo
Louçã aurora,
Lá o conduz.
Ditoso dia
Hoje raiasse!
Espero-o ancioso,
Mas hei receio,
Se, ás vezes, quando
Olho tua face,
Alguma nuvem
N'ella vêr creio.

A MINHA RIQUEZA

Ó minha querida, que ideia tão falsa
 Não fórma de amor
Quem julga que o ouro sómente o realça,
E á fé, á virtude, á ternura, á constancia,
Que zomba da sorte, do tempo e distancia,
 Não presta valor.

Amor é thesouro; de pouco precisa;
 De si se mantem:
Co' o bafo as desgraças, a mágoa amenisa;
Co' a luz fere as trevas, espanca a tristeza;
Co' o fogo conforta a miseria, a pobreza,
 E o mal torna em bem.

É rico, opulento quem, junto da esposa,
 No seio do lar,
Gosando seus mimos, da vida se gosa,
Quem tem alma terna que á sua responde,
Uns braços amigos aonde se esconda
 Do mundo ao penar.

É pobre o que nasce n'um berço dourado;
 Quem rico se diz,
E só d'interesses se vê rodeado;
Quem, triste, não acha sinceros carinhos,
E sob os estofos occulta os espinhos,
 N'um ermo, infeliz.

Portanto, querida, riqueza nós temos,
Riqueza do céo:
Vivendo um do outro ditosos seremos.
Não troco por gloria, por farta opulencia
As graças, encantos, singela innocencia,
Que o Eterno te deu.

Serás o sorriso da minha alegria;
Meu iris de paz;
Meu ar; minha ideia de noite e de dia;
A socia apiedada do meu soffrimento;
O porto onde fuja da dôr e tormento
Da mágoa voraz.

Eu sempre a tua alma de affecto e cuidado,
De amor cingirei;
Na dita e desgraça ter-me-has a teu lado;
Verás quanto pôde fazer quem adora;
De tudo que tenho serás a senhora,
Teu servo eu serei.

E digam se existe riqueza no mundo
De tanto valor!
Se existe destino mais bello e jocundo!
Quaes são os thesouros, quaes são as grandezas
Que valham duas almas unidas e prêsas
Por tão forte amor?

LAGRIMAS BEMDITAS

Bemdito seja esse pranto
Que o teu semblante inundou;
Foi dos céos balsamo santo,
Que o coração me acalmou,
Que te deu maior encanto.

Como, depois de regada
Pelo orvalho da manhã,
Fica a rosa nacarada
Mais viçosa e mais louçã,
Tal ficaste, ó minha amada.

Os teus olhos se animaram
De uma insolita doçura,
E as lagrimas que brotaram,
Nos teus labios, fonte pura,
Em palavras se tornaram,

Palavras estremecidas
Pela dôr que te anciava,
Palavras, que, mal ouvidas,
Da mágoa que me matava
Sararam logo as feridas.

Quanto agora mais formoso
Não é também nosso amor!
Mostrou que era poderoso:
Fez chorar-te, e ao seu calor
Seccou-te o pranto—piedoso.

Que em tudo lhe pertencemos
Desde então bem se conhece;
À lei sua obedecemos;
Mórriamos, se morresse,
Pois sem elle não vivemos.

Assim é, mas outra prova
Em nós não venha fazer;
Não nos dê tristeza nova;
Conhecemos-lhe o poder;
Antes, o mal nos remova.

Que nos traga sempre dias
De ventura e de bonança.
Longe as ideias sombrias!
Cumpra-se a nossa esperança
No meio das alegrias.

E que nunca mais te veja
Magoada, ó minha amante,
Se queres que vivo seja;
Minha alma soffreu bastante,
E soffrer mais não deseja.

A GLORIA

A FILINTO ELYSIO

(DE LAMARTINE)

Das nove musas generosos filhos,
Ante vós dois caminhos vão-se abrir;
Um leva a f'licidade, o outro a gloria;
Entre ambos é preciso decidir.

Filinto, dos mortaes a lei seguiste:
Da tua vida na aurora
Bebeste a longos tragos a poesia;
Tecer-te a gloria e a desventura viste
Os annos á porfia;
E pranteias agora.
Córa, antes; sim, córa de vergonha
Por ao vulgo invejar o esteril ocio
Que tão cioso admira;
Póde-lhe dar o céo todas as ditas,
Porém é nossa a lyra.
Os seculos são teus; a tua patria
É o universo inteiro;
Depois de mortos erguem-nos altares,
E n'elles o futuro justiceiro
Manda que para immorredoiras honras
Desde já te prepares.

Assim a ave altiva ao ar se arroja,
E entre os raios e trovões librada,
Como que aos homens diz: nasci na terra
Porém tenho no céu minha morada.

Sim, a gloria te espera, mas detem-te,
E nota porque preço no seu templo
Se póde penetrar;
A desventura assenta-se-lhe á porta
Guardando o limiar.

Aqui é o ancião que a Jonia ingrata
Viu de mares em mares conduzindo
Seus males, cego, como paga ao genio
Um pão molhado em lagrimas pedindo.
Além, de fatal chamma consumido,
O Tasso nos grilhões, em vil masmorra
Expia o genio, e o desditoso amor,
E, quando perto a c'roa do triumpho,
Sente da morte o horror.

Em toda a parte victimas, proscriptos,
Infelizes, meus olhos estão vendo,
Uns contra o fado adverso,
Outros contra verdugos combatendo,
Como se a Providencia reservasse
Para os que são melhores
As mais acerbos dôres.

Portanto da tua lyra abafa as queixas;
É da baixeza a desventura o escólho;
Mas tu que um throno deixas
Faze com que a tua alma alento cobre,
Cercada de desgraças,
E se revista de um orgulho nobre.

Que te importam a ti as ordens barbaras
Que te desterram d'onde houveste o sêr?
O que te importa o sitio onde o destino
Te ha de um sepulchro glorioso erguer?
Não póde o exilio, nem os duros ferros
Que os tyrannos do Tejo te hão lançado

Encadear tua gloria

Á terra onde ficares sepultado;

Já Lisboa a reclama,

Á patria, como herança,

Tu deixarás tua fama.

Quantos o teu valor desconhecera

Hão de chorar o vate grandioso.

Athenas aos proscriptos abre as portas

Do Pantheon famoso;

Morre Coriolano,

E Roma o quer contar como romano.

Levanta as mãos ao céu antes que expire

O grande Ovidio, os olhos fecha, e entrega

Ao Sarmata grosseiro as cinzas frias

Mas aos romanos a sua gloria lega.

QUE LEMBRANÇAS!

Como entristece e apraz ao mesmo tempo
Recordar os instantes passageiros
 Da nossa f'licidade
Quando nos resta apenas da alegria
Que então exp'rimntamos a saudade!
E que saudade, ó cara, facho ardente
 Que me alumia e inflamma;
Pasma do que gosei, do que hei perdido;
Dôr igual á que teve o pae primeiro
Quando do paraizo foi banido
 Pela espada de chamma;
Saudade que seria desespero,
Se uma esperança não lhe dêsse alento,
A de gosar comtigo annos e annos
O que só desfrutamos um momento.

Sempre hei de ter presentes esses breves
Relampagos de amor e de ventura,
E os sitios onde juntos divagamos,
 E tambem tu, querida,
 Has de sempre lembra-los,
Que a elles ficou prêsa a nossa vida.
Teremos sempre, sempre na memoria,
Melhor, no coração, quantas fallamos
 Palavras de doçura;

E aquelles arvoredos,
Que, ouvindo-nos felizes conversando,
Com o murmurio das virentes folhas,
Porque os não escutassem,
Abafaram de amor castos segredos;
E toda aquella scena, e o céu e os campos,
E os trinados das aves,
Menos melodiosos que tua falla,
Muito menos suaves.

Ai! como iamos ambos enlevados
Um no outro, querendo sequiosos
Saciarse tantos mezes de desejos,
Tantos mezes eternos
N'esses poucos momentos venturosos!
Cobrindo-nos co'as vistas inflammadas,
Absortos os sentidos,
Nadando o coração n'um mar de jubilo,
A voz de amor tremendo,
Attentos os ouvidos!

Ai! como iamos ambos tão ditosos!
Umas vezes andando a passo lento,
Outras parando por fugir aos raios
Do sol abrazador,
Antes, para alongar mais algum tempo
Esse nosso passeio encantador.

Agora te assentavas
N'aquella bronca pedra,
Fingindo-te cansada;
Logo querias vêr aquella fonte.
Como eu sentias sede, ó minha amada.
Sede, porém de beijos calorosos,
Que já de ha muito aos labios acudiam,
Mas que não se atreviam
Dos labios a sahir;

Sede, porém de afagos e carinhos,
De apertados e sofregos abraços,
De um do outro nos braços
O peito ao peito unir.

.

Eram desejos só. Foi um momento!
Já perto estava a fonte,
E, desmaiado, o sol quasi tocava
As raias do horisonte.

Deixar-te era forçoso,
Deixar-te, meu amor, e minha vida!
Ai! como ia arrastado e vagaroso
No instante da partida!

Ai! como foi tão bella e passageira
A nossa f'licidade!
Ai! como ora nos rasga tão pungente,
Tão fero e duradoiro
O punhal da saudade!
E dentro d'alma ficará cravado
Até que venha o dia em que tornemos
A viver, como n'esse doce instante,
Porém por toda a vida, ó minha amante.
Então será cumprido
Tudo que desejamos,
Viveremos então, que não vivemos,
Não, sómente penamos.

A MINHA POESIA

Não errei quando te disse
Que era só a poesia
A dama do meu pensar;
Se a tua alma descobrisse
O que essa phrase envolvia,
Se o pudesse adivinhar!...

Vou-te mostrar como a pinto
Nos meus sonhos de loucura;
Que é bem justo o amor que sinto
Dirás ao vêr a pintura.

Tem a tez do bello rosto
Da minha côr predilecta
De um moreno portuguez;
Côr de mil graças composto,
Côr amada do poeta,
Toda amor e languidez,

Cujo effluvio peregrino,
Cuja suave expressão
É para pincel divino;
Eu sinto-a no coração.

Nos olhos grandes, formosos,
Como a noite quando finda,
Oh! que abrazante fulgor!
Fossem elles piedosos
E essa luz, de si tão linda,
Seria muito maior.

Todos os gostos derivam
Do seu terno e casto olhar;
Pasmam, subjugam, captivam,
Morte e vida podem dar.

Os cabellos, os cabellos
Compridos e assetinados,
Como os olhos são também.
Nunca vi outros tão bellos;
Ou soltos, ou penteados,
De qualquer modo estão bem.

Se lhes bate o sol, que lume
A flux não sabem verter!
A todos causam ciume;
Eu não me farto de os vêr.

Em seus labios côr de rosa
Abre ás vezes um sorriso,
Que um céu me parece abrir;
Se desprende a voz maviosa,
Prende-me, tira-me o siso,
Esqueço-me para a ouvir.

E no sorriso e na falla
Toda sua alma transluz;
Como lyrio odor exhala,
Como musica seduz.

Falta muito ao meu retrato;
Mal feito vai. Um conselho,
Ó formosa, te vou dar:
Pódes vê-lo mais exacto,
Se quizeres ao espelho
Por um momento chegar;

Que, pintando a poesia,
Eu contigo a confundi,
Pois és tu minha harmonia,
Minha musa vive em ti.

TRADUÇÃO DE ANDRÉ CHENIER

Meu rosto pelo sol está queimado;
Vertem sangue meus pés, que te hei seguido
Em todo o dia sobre as bravas urzes
Pelo fundo do val. Longes balidos
Aqui, além meus passos incitaram.
Corri; não te encontrei. Talvez fugisses
De meus carinhos! Onde achar-te? aonde?
Tu dos humanos o mais bello? oh! dize-me
Em que logar o teu rebanho pasces.

Joven porque ante mim te cõra a fronte?
Vês minha face pallida, sem côres?
Ah! é por ti sómente, por tua graça,
Por teu semblante virgem. Vem; teus brincos
Deixa-os, ha outros mais. Vem; que eu te diga
Como meu peito do teu meigo rosto
Nunca pode esquecer-se. E que perfume
De deleite respira o teu semblante!
E que olhares de timida donzella!
E que seio de neve occulto aos olhos
Pela atrevida veste, que parece
Dizer: ainda não conheço amores!
Oh! vem sabel-o: eu t'o direi; entrega-me

Tua alma tenra e casta, meus dictames,
Menos timidos que ella, hão de ensinar-lhe
A delirar e a suspirar comigo.
Vem; quero vêr-te sem temor, olhar-te
As faces infantis no rubor tintas,
Mas só dos beijos meus, só do seu fogo.

Se de manhã um dia tu viesses
Encostar no meu seio a langue fronte,
Como eu veria teu dormir! meu halito
Para não te acordar como no peito
Quasi o retera sem subir aos labios;
Como zeloso de teu bello rosto
Para longe apartára os vis insectos,
E a abelha ciosa de tuas flôres...

QUEM SOU EU

Quem sou eu? sou quem te adora,
Quem vive para te amar,
Quem por ti a toda a hora
Geme afflicto, aneia e chora
Sem cessar.

Sem cessar meu pensamento
Revôa em torno de ti;
É meu unico sustento
Sonhar-te a cada momento
Qual te vi.

Qual te vi n'aquelle dia
Em que esta alma, sem saber
Que inda no mundo vivia,
Sentiu de amor por magia
Outro sêr.

Outro sêr em meio posto
Do meu passado e porvir
Dizer-me: acabe o desgosto,
Vida, amor, e luz e gosto
Vês sorrir.

Vês sorrir! e eu vejo apenas
Crescer, crescer minha dôr!
Porque, ó anjo, me condemnas?
Ah! sente dó d'estas penas,
D'este amor.

ANCEIO E DOR

Se eu podêsse cumprir o meu desejo
Agora n'este instante,
Ó minha terna, suspirada amante!
Se fosse de ti junto, e, qual te vejo
De tamanha distancia,
Podêsse vêr-te ao perto,
E aspirar-te a fragrança,
Não vivera de certo
Desconsolado e triste, como vivo
Desde que ao teu poder estou captivo.

Talvez que tu não creias
Como ausente de ti as horas passo,
Que de estranhas ideias,
Que de projectos faço!
Como julgo possível o impossível,
Presente já o que só é futuro,
Como acordo dos sonhos, e, impassível,
Acho ante mim o meu destino duro!

Às vezes vou andando,
E comigo imagino
Que me acompanhas; louco desatino!
Que te ouço e vamos ambos conversando;

Que mil cousas suaves te pergunto
Do tempo de hoje (aos olhos meus passado
N'essas horas de enlevos e de enganos);
Que, além de amor, não temos outro assumpto.
Mas sósinho me encontro de repente!
O meu desejo tinha-me enganado;
Veio desenganar-me o fado insano,
O meu fado inclemente.
Não nos uniu ainda a mão do Eterno;
Ainda a mão do mundo nos separa;
Depois do céu o inferno,
O que é real depois do que sonhára.

Outras vezes também comigo fallo:
Mais não posso esperar; a impaciencia
Me afflige, me consome;
Em breve quanto aneio hei de alcançal-o:
Hei de á tua juntar minha existencia,
Dar-te, ó bella, d'esposa o doce nome;
Corre, corre a meus braços, vem tomal-o.
Já és minha, cumpridos
Estão os meus anhelos fervorosos;
Por tantos dias pela dôr pungidos
Posso agora viver dias ditosos.
És minha; não me deixas
Nunca mais; acabaram-se os lamentos;
Acabaram-se as queixas!
Vem para aqui, fallemos
De amor e de alegria;
Tristonhos pênsamentos,
Ciumes e suspeitas não lembremos,
Nuvens pequenas na manhã formosa
D'este formoso dia.
Tu és minha, eu sou teu, de amor gosemos.

Assim deliro, mas a sorte irosa
O meu delirio finda
Co'a ferrea voz que dentro d'alma troa
Dizendo-me, cruel: é cedo ainda!
Minha mão te agrilhoa;
Espera, não supponhas enganar-me,
Sempre para teu mal has de encontrar-me.
Vê como penso em ti, ó minha amada;
Como o impio destino me persegue;
Como sonha a minha alma e é despertada,
Ao teu amor, ao ferro d'elle entregue.

No ermo, na cidade,
À sombra dos frondosos arvoredos,
Junto das frescas aguas,
Da minha desventura e flicidade
Eu murmuro os segredos,
E choro as longas mágoas.
Invejo o campo e a solidão quieta
Para viver contigo
Vida amena e secreta
Longe do mundo perfido, inimigo.
Invejo as aguas para vêr teu rosto,
Como em limpido espelho,
Já pallido de amor, e já vermelho,
Do meu hombro fazendo molle encosto.
Invejo os arvoredos para ás calmas
Nos esquivarmos do verão sequioso,
Para ouvir nossas almas
Nos ramos seus o rouxinol saudoso.
Invejo a boa sorte
Dos que deparo acaso já unidos
Áquellas porque tanto suspiraram,
Dos que perto da morte,

Já de annos opprimidos,
Sempre muito se amaram.
Invejo tudo e todos a que o fado
Concedeu a venturá,
Que, mau, não me concede,
E, injusto, creio ás vezes que tortura
A mim, enquanto aos outros prompto cede.

Ah! venha, venha o dia
Em que eu possa dizer realisada,
Minha unica alegria,
Tudo porque deliro,
Tudo porque padeço,
E então verás que só por ti suspiro,
Que o teu amor mereço.

A QUESTÃO CHARLES-GEORGE

Ide-vos naus orgulhosas,
Mensajeiras do tyranno,
Que do Sena, soberano,
Manda os povos insultar.
Ide; que elle vos espera;
Contai-lhe a vossa victoria.
É digna d'elle tal gloria;
Soubeste-lh'a bem ganhar.

Como palma triumphante,
Levai a prêsa anciada;
Para escravos destinada
Deve a escravos pertencer.
Talvez, ó França, os teus filhos
Conduza ainda ao desterro,
Onde injusta mão de ferro
Manda os teus filhos morrer.

Cedeu á força a fraqueza;
Á prepotencia a justiça;
O desint'resse á cubiça!
Não ha triumpho maior!
Que corôa para a fronte
Do que os livres calca e opprime,
Do que é protector do crime,
Do que é das leis oppressor!

Não ouves, França, bramindo,
Qual o mar encapellado,
Soar pavoroso brado?
É a voz de uma nação,
Que a liberdade respira,
Que da patria o amor inflamma,
Que vil, covarde te chama,
Que te envia a maldição.

Escutando-a, a Europa inteira
Alevanta-se indignada,
Aperta os punhos da espada,
E deixa o somno em que jaz.
De que povo és hoje amiga,
Depois que as leis violaste?
Contra todos te voltaste;
És a inimiga da paz.

A aguia já foi rainha
Quando da aurora ao poente
Nosso velho continente
Quasi todo avassallou.
Mas bateu a grande hora
Do castigo e da vingança;
E a frente baixaste, ó França,
E a aguia altiva expirou.

Portugal e Hespanha os raios
Soltaram da tempestade.
Armou-nos a liberdade
Contra os escravos do algoz.
E tuas hostes derrotadas
Viste, e, cahindo tua gloria,
Tremeste ao som da victoria
De Albuera e Badajoz.

Desde então se levantaram
Todos quantos opprimiras.
Não valeram tuas iras;
Foste vencida tambem.
Assim talvez dentro em breve
Da vingança chegue o dia
E na aguia que azas cria
Os povos o golpe dêem.

Ah! podêsse o nosso grito,
Soando de terra em terra,
Contra ti chamar á guerra
Conjuradas as nações!
Que importa que cem naus tenhas,
E quinhentos mil soldados,
Se os teus pulsos aviltados
Roxeiam duros grilhões?

Gosa pois do teu triumpho!
A gloria não te invejamos!
Nós cõ'a justiça ficamos;
Tu ficas com teu poder.
Nossa causa Deus protege;
A tua protege a espada.
Pelo seu braço vingada
A nossa injuria ha de ser.

AO PINTOR PORTUGUEZ ANNUNCIACÃO

Quem te presta, ó pintor, as magas tintas
Com que fazes brotar da nua tela,
Quando inspirado, entusiasta, pintas
As graças mil da natureza bella?

Quem te presta, ó pintor, a poesia
Que veste os quadros teus de luz brilhante,
Bem como veste os céos e a terra o dia
Ao dissipar a noite negrejante?

Quem essa paz e solidão tranquilla,
Que nos induz a placido repouso,
E sobre o nosso coração distilla
Celeste orvalho, delectavel goso?

Quem essa vaga, pallida tristeza
Que lhes realça o natural encanto,
Como realça os olhos da belleza
Humido véo de enternecido pranto?

Quem? a tua alma só, alma sensível,
Onde tudo que vês se grava e apura,
Para do teu pincel brotar visível
Tornado em sentimento e formosura.

Por isso tu vagueias solitario
Pelos campos e montes esquecido
Vivendo o teu viver imaginario,
Nas feitura de Deus todo embebido,

Ou no rumor do mundo conversando
Com a tua alma sem cuidar da gente,
E em seu limpido espelho contemplando
Quanto ella contemplou, quanto ella sente.

Por isso, enquanto a multidão se parte
Em poz dos varios gosos seductores,
Tu vives pela arte e para a arte,
Só com os quadros teus, os teus amores.

Ahi tens o teu mundo, esse a que deste
A vida co'os pinceis e intelligencia,
Que te sahiu de ti, em que pozeste
Uma porção querida da existencia.

Extensissimas, placidas campinas,
Onde o gado repousa sobre o verde;
Fundos valles; ribeiras crystalinas,
Em cujo seguimento o olhar se perde;

Arvores sobre as aguas debruçadas
Ensombrando-as de tetrico mysterio;
Phantasticas, erguidas cumiadas;
Branças nuvens; o azul do espaço aereo;

A veia que mal cobre a curta relva;
O corrego que passa; as frescas fontes;
O tronco só; a emmaranhada selva;
Os longes, vaporosos horisontes;

O fim da tarde; o astro que irradia;
O camponez que do trabalho volta,
E depois de lidar inteiro o dia,
O cansado animal do jugo solta;

As poentas ovelhas que se apressam
Para o curral, seguidas dos pastores;
Os clarões da manhã que a vir começam,
E que esperam na praia os pescadores;

O côrcel que nos prados solto pasta;
O paciente boi que o trigo pisa,
Ou o curvo ferro pelo chão arrasta,
Que arado já em parte se divisa;

Mulher triste nas bordas do oceano
Pensando em sua augusta immensidade,
Impresso no semblante o rasto insano
Que profundam os choros da saudade;

As innocentes e campestres scenas,
E quanta poesia o campo encerra;
Alegrias; amores; brincos; penas;
As bellezas do céu, do mar, da terra;

Tudo em frente ahi tens, tudo creado
Pelo condão do teu pincel fecundo.
A quem mimoseou tão amplo o fado
Não são precisas distracções do mundo.

Ahi vives e gosas; ahi fallas
Com tuas creações, com teu thesouro;
Porém o amor das artes vem roubal-as,
E engrinaldar-te de mais farto louro,

Como então ao perder os socios d'alma
Entristecido e pesaroso ficas!
Da c'roa de triumpho cada palma
De condoídas lagrimas salpicas.

Mas tornas ao trabalho; surgem, brotam,
Sob o pincel de novo mil prodigios.
Só já não és; as lagrimas se esgotam,
Ou n'outro quadro deixam os vestigios,

Que o poeta co'o pranto que derrama
É que retrata a dôr e o sentimento.
Para dar luz aos mais arde e se inflamma,
Qual ignea tocha que sacode o vento.

Assim passas a vida. Que te importa
Se merecido culto não te rendem?
O coração com animo o supporta;
Outras aspirações teu brio accendem.

Trabalhas para os homens do futuro,
E para aquelles poucos venturosos,
Que, longe, como tu do mundo escuro,
Vêem co'os olhos d'alma luminosos;

Para aquelles que sentem, como eu sinto,
Dentro de si ferver a poesia,
Que leve esboço apenas, que não pinto
Senão em frouxa, dissona harmonia;

Para os que sobre a tela reproduzem
O escandecido imaginar do artista,
Ou os grandes astros que na esphera luzem
Podem ao menos rastrear co'a vista;

E para as almas candidas e ardentes,
Que, sem penna ou pincel, em si conservam,
Quaes vasos d'alabastro transparentes,
A pureza do céu que ao céu reservam.

São todos estes que de verdes louros
A c'roa te compoem, c'roa de gloria,
Que hão de altear os seculos vindouros,
E te cantam os hymnos da victoria.

Mas porque a fronte para a terra inclinas?
Basta; ia-me esquecendo que a mais rara
D'entre as tuas virtudes peregrinas
É a modestia, que as aviva e aclara.

CONSELHO

Tracta bem d'esses cabellos
Que valem mais do que o ouro,
Tracta-os bem, porque uma parte
São de ti, do meu thesouro.

Deixa a moda caprichosa,
Não os apertes de mais;
Não precisam de artificio,
Teem as graças naturaes.

Por isso mais gosto d'elles,
E lhes acho mais encanto
Quando, soltos, os teus hombros
Involvem n'um denso manto.

Não queiras quem t'os penteie,
Podem-t'os, bella, estragar;
De marfim com liso pente
Devel-os tu pentear.

Ou manda que eu d'elles cuide,
E por milagre de amor
Farei obra tão perfeita
Qual nunca viu toucador.

Nenhum galardão pretendo;
Por bem pago me darei
Só com ser por ti mandado,
E feliz me julgarei.

Mas perdoa-me, se vendo
A minha obra eu me perder,
E mil freneticos beijos
Sobre os teus cabellos der.

FRIEZA

Amas-me como eu te amo? como penso
Em ti a todo o instante,
Pensas em mim também, ó minha amada?
De dia em cada objecto
A minha imagem vês, qual eu te vejo
Formosa e feiticeira,
Mais similhando apparição celeste
(Tanto brilho dardejas)
Do que terrena, humana creatura?
Quando á noite, povôo
O teu dormir de sonhos de esperança,
De quadros venturosos,
Bem como o somno meu povôas sempre?
Ouves nos teus ouvidos
Sem cessar minha voz fallar-te amores,
Dizer-te delirante
Que és o meu existir, que és o meu tudo,
Que te amo, que te adoro,
Como eu ouço tua voz,—não, arrojando
D'alma o feroso incendio,
Queixar-se, protestar, jurar, sorrir-se,
Que tu não tens sorrisos,
Nem juras, nem protestos, nem queixumes,
Mas ainda assim mesmo
Para mim grata, angelica, serena?

*

Ai! como bella estatua,
És surda aos rogos meus, surda a meus prantos;
Não podes entender-me,
Nem dar valor á chamma em que me abraço!
És fria, és insensivel!
Se possues coração, por mim não bate.
Calculadas palavras,
Inda assim poucas, riso constrangido,
Indiff'rentes olhares
São do amor que me tens fiel retrato.
Dize-me é tal quem ama?
Eu que te amo outro sou; comigo aprende.
Mas amor não se ensina;
Nasce no peito, como nasce a planta
Nos campos, sem cultivo,
Do sol ao vivo influxo; cresce, inflora-se,
Ou regado de lagrimas,
Ou pelo fogo abrazador queimado;
Ferve com mil desejos,
Alegre se illumina de esperanças,
Suspira, geme, aneia,
N'uma palavra, n'um olhar, n'um gesto
Mostrando claramente
O que espera, o que teme, o que deseja.
Se d'este modo fosses,
Que f'licidade não seria a minha!
O voraz desespêro
Fugira ante a alegria espavorido;
Tornaram-se meus dias,
Hoje de negras sombras povoados,
Dias de luz, de vida,
E por sendas de flôres me leváras
A uma nova existencia!
Em logar d'esse mundo de delicias,
Que apenas imagino,

Vê como pagas meu amor tamanho!
Tanto rigor mereço?
Não basta inda soffrer o que hei soffrido?
Não sentirás piedade?
Do que o odio é peor a indifferença;
Aborrece-me, odeia-me,
Mas com tanta frieza não me tractes.
Pela dôr quasi louco,
Quantas vezes não tenho amaldiçoado
Esse dia primeiro
Em que puz nos teus olhos os meus olhos;
Depois, depois bemdigo-o,
Arrependo-me, e penso: ah! quanto a amo!
Eu sou ella, preciso
Vê-la para existir, o mais é morte.
E assim é; de ti pende
Inteiro o meu presente, e o meu futuro;
Uma tua palavra,
Um mavioso olhar, um riso, um gesto
São a minha ventura.

UMA NOITE

I

Era um dia formoso, como este
Em que a terra co'o céo anda á porfia
A vêr qual de mais graças se reveste.

Já por detraz dos montes se escondia
O sol, e do crepusc'lo o manto grave
O firmamento quasi que envolvia.

Era a hora em que mais gorgeia a ave,
Em que mais vivo aroma a flôr exhala,
E o arroio murmura mais suave,

Hora que ao coração e á mente falla,
Quando elle adeus dizia a esta vida,
Já quasi pela eterna a abandonal-a.

Pobre amigo! e a extrema despedida
Não t'a pude eu ouvir, que não julgava
Nem ninguem junto estares da partida.

Com teus irmãos e amigos conversava;
Era o nosso fallar teu soffrimento,
E a esperança entre nós se levantava,

Porque raiára algum contentamento
Durante aquelle dia em teu semblante,
Depois de noite de tão crú tormento,

E adormeceras; porém n'esse instante
Abafado gemido nos desperta,
Como de homem que jaz agonisante.

Corremos; do seu quarto estava aberta
A porta; a cama a um canto mal se via
Do avançado crepusc'lo á luz incerta.

Ernesto, Ernesto clamo; mudez fria
Só responde; adianto-me tremendo;
Subito horror as carnes me arripia.

Ernesto, Ernesto em ancia vou dizendo;
Fundo silencio; chego, pelo leito
Cheio de medo minhas mãos estendo,

E as suas geladas sobre o peito
Palpo; recuo, delirando grito:
É morto, é morto em lagrimas desfeito.

Irmãos e amigos choram; precipito
Os passos; trazem luz, e consternado
Repete a minha voz o grupo afflicto.

Sim, morto era, mudo, enregelado;
Mas parecia ainda estar dormindo,
Tanto o seu fim viera socegado.

O rosto seu julgareil-o sorrindo,
Como se n'algum sonho de ventura
Jazesse quando a morte tinha vindo.

D'este quadro de horror e de amargura
Me veio despertar choro sentido,
Com mil ais e soluços de mistura.

Dos irmãos era o choro não contido,
Que, de joelhos, ante o irmão jaziam,
Insana a mente, e o coração partido.

Ah! miseros! ah! quanto não soffriam!
Tê que d'alli os fomos apartando
Á força, que expirar alli queriam.

II

Que noite aquella que eu passei velando
De guarda ao corpo seu! que noite aquella!
Lembra-me, que presente a estou julgando.

Eu vivo junto á morte! alli a vêl-a
No rosto que ha bem pouco me fallava!
Eu só, eu vivo, junto d'elle e d'ella!

E a funda mudez que me cercava,
E o relógio que ainda á cabeceira
As horas para elle em vão marcava!

Tudo que não esqueço, embora o queira,
As velas, o altar, e n'este alçada
Do Redemptor a imagem verdadeira.

Oh! como cada hora foi contada,
E cada instante, sem que accelerasse
O tempo em nada a marcha compassada.

Como anhelava que a manhã chegasse,
E dizia: para elle foi-se tudo,
Contemplando do amigo a medo a face!

Nada deseja; seu fallar é mudo;
Seu coração não bate; o horror, o espanto
Não teme já da morte sob o escudo.

E n'isto aos olhos me subia o pranto,
E, deixando entre as mãos cahir o rosto,
Envolvia-me a alma escuro manto.

Até que o pensamento descomposto
Me vinha despertar um outro amigo
Tambem ao corpo seu de guarda posto.

Era o seu cão que veio alli comigo,
E aos pés do dono morto foi deitar-se,
Pagando-lhe ter sido o seu abrigo.

Que animal ha que possa comparar-se
A ti, do homem guarda e companheiro,
Que o amor não vês na morte aniquilar-se?

Como elle vela, e corre o quarto inteiro
Com os olhos, e ladra, mal presente
Algum ruido, ainda que ligeiro!

Assim se foi a noite longamente
Arrastando, cada hora transformada
Em um seculo, até que o som cadente

Ouvi das aves, que a manhã doiradá
Chamavam a cantar da rosea aurora
A vinda de sorrisos bafejada.

Tudo lhe ouvia a voz animadora;
Só elle, morto, frio, nada ouvia,
Porque a alma do corpo andava fóra.

Eis-me aqui, aos mortaes a luz dizia;
Mas elle sem a vêr, amortalhado,
Nunca mais os seus olhos abriria!

Para a vida era um dia começado
Com suas dôres, e prazer e lidas,
E elle em breve á cova era levado!

Morreram tantas illusões floridas,
Tanta sciencia, e tanta mocidade,
Ó pobre amigo, em nada convertidas.

Quando tua alma via a f'licidade
Mais perto, e já te estava preparando
O premio do saber a sociedade,

O espirito sentiste abandonando
A materia, na qual te parecias
Ao barro d'este mundo miserando,

A que adeus para sempre tu dizias,
Pezaroso sómente de deixar-nos,
E os irmãos com que a alma repartias.

Que ha agora que possa consolar-nos,
A todos nós que o estimamos tanto,
A não ser pelo céo abandonar-nos?

E estar no asylo sempiterno e santo,
Onde jámais o gôso se termina,
Onde trevas não ha, nem dôr, nem pranto,
Porque a face de Deus tudo illumina?

SEGREDOS DE AMOR

Quando a sós enlevados fallamos
Baixas fallas de terna expressão,
Quando um do outro no peito vasamos
Alma, vida, pensar, coração,

Ai! tambem, minha amada, suppomos,
Apesar da fortuna, do espaço,
Que um sómente nos corpos já somos,
Que nos prende dulcissimo abraço.

Quanto podem do amor os desejos!
São desejos, mais nada, inda mal!
Só o espirito solta os adejos,
Faz milagres, é livre, immortal.

Para o corpo a distancia mais leve,
Qual oceano, do que ama o separa;
Muito aneia, porém não se atreve;
Quer voar, mas conhece-se e pára.

Se podessemos ambos unidos,
Qual ás vezes sonhamos, viver,
E trocar nossos longos gemidos
Em carinhos, e paz e prazer!...

Como então muitas cousas diriam
Nossos labios que nunca disseram,
Que de longe dizer não sabiam,
Ou que nunca a dizer se atreveram:

Muitas cousas de tanto segredo,
De tamanha doçura e meiguice,
Que jámais se fallaram, com medo
De que o ar indiscreto as ouvisse.

São palavras que só se proferem
Com as mãos entre as mãos enlaçadas,
Quando os olhos aos olhos desferem
Mil faiscas d'amor abrazadas;

Quando o peito suspira offegante
Junto ao peito que emfim alcançou,
Quando o mundo se esquece inconstante,
E o tormento e incerteza acabou.

São palavras que os anjos formaram
Em suas horas de amor, ante Deus,
E que aos homens provar outhorgaram
Por lhes darem o gosto dos céos.

Ai! que vida! que vida! estas fallas
Se as pudesse hoje, agora escutar...
Sem proveito em suspiros te exhalas,
Ó minh'alma, é teu fado esperar!

Sim, esp'rar! mas um dia (bem cedo
Venha elle, formoso e feliz)
Nós diremos de perto, e sem medo
O que a furto e de longe se diz,

E estas horas, e eternos momentos
De desejos, de aneio e de dôr
Pagaremos com beijos aos centos,
Minha vida, meu bem, meu amor.

COMPARAÇÃO

Nasce o rio humilde e pobre,
Mal apenas se conhece,
Mas correndo engrossa e cresce
Tê sepultar-se no mar;
Assim o mal em que vivo
Vai engrossando co'os annos;
Vão crescendo os desenganos;
Vai augmentando o pezar.
Até que venha o momento,
Em que a fria sepultura
Cubra tamanho tormento,
Tanto mal, tanta amargura.

Á CONCORDATA DO ORIENTE

Uni-vos ás nações que nos insultam,
Portuguezes sem fé, sem Deus, sem crença,
E os louros que inda as chagas nos occultam
Conspurcai sem pudor.

Que vos incita para assim venderdes
Da patria as poucas joias preciosas,
E os fructos do heroismo e do valor
N'um só dia perderdes?

A inercia, o ouro, as distincções vaidosas?
Infamia! de vergonha as faces cobre,
Ó bella patria minha!

Embora fraca e pobre,
O teu antigo manto de rainha
Não te venham manchar.

Se Deus te mostra a campa levantada,
Morre, porém honrada;

E vós, povos do mundo, com respeito
Arredai-vos ao vèl-a para o leito
Da morte caminhar.

Adeus, ó grande imperio do oriente,
Onde ao fulgor dos astros
Da nossa immensa gloria,
Dos Gamas, Albuquerque e dos Castros
Se pôz de pé a historia,
E, alumiada por seu brilho ardente,
D'elles ao lado foi

Vêr os reinos domar, varrer os mares,
E, ao contar os seus feitos singulares,
De cada portuguez fez um heroe.

Adeus, que para sempre te perdemos!
O que venceu outr'ora a valentia
Hoje o largou a infamia, a covardia;
Sim, sem pejo, sem honra nós cedemos
O que ceder devíamos lutando
Tê ao ultimo instante,
Inda o brio e o furor golpes vibrando,
Posto que já o corpo agonisante.

D'essa Asia que de glorias inundamos
Para arvorar as portuguezas quinas,
Aonde a luz e o balsamo levamos
Das palavras divinas,
Por acaso inda muito nos restava?
Que da Europa as nações nos despojassem,
E com o que era nosso se adornassem
Julgaveis não bastava?

Não; tambem foi preciso que viesse
A Igreja, que em triumpho conduzimos
Sob a nossa bandeira vencedora,
Com a qual nosso imperio repartimos,
E pelo que lhe démos, só, agora
Ingratidão nos dêsse!

O cordeiro da paz e da concordia,
Puro emblema do céu,
Préga em vez de branduras a discordia,
E em abutre voraz se converteu.
Eil-o, quer um quinhão haver na preza;
Ávido nada o enfreia;
Com o que ha mais sagrado negocea,
Injuriando Deus, e a natureza!

Senhor, vê como as tuas leis sagradas
Cumpre quem mais devera!
Como pelos potentes são calcadas,

E, em seu logar, co'as armas e injustiça,
Só a torpe cobiça
No mundo quasi impera!
E vós, martyres puros, que as corôas
Do martyrio ganhastes
Nas terras onde as lusitanas prôas,
E os nossos heroes acompanhastes,
Vós, que as terrenas palmas
Ás do céu, sempre vivas, ajuntando,
Estaes felizes almas
Os côros celestiaes acompanhando,
Vêde como o terreno que pisado
Foi pelas vossas plantas,
Por vós com sangue e lagrimas regado,
Theatro já de tantas obras sanctas,
Hoje theatro é feito de rapina,
No qual em vez da paz e do conselho
Da palavra de Christo alta e divina,
Urde a conspiração, escuma a injuria,
E a luz do Evangelho
Cede do odio e bacamarte á furia.

E tu a Roma, Portugal, cedeste?
Por uma fraca voz acovardado
Toda a força perdeste?
Ah! por teus filhos foste atraídoado!
Resistir não podeste.
Abjecta liga contra ti formaram
Os traidores do céu, e os vis traidores
Da patria, que aos primeiros te entregaram,
Das reliquias d'um povo já famoso,
E do seu nome bello e glorioso
Infames mercadores.

Adeus, ó Asia, adeus, em breve espaço
O que terás de nós? uma epopêa
De pelejas, de feitos de heroismo.
Essa ao menos, ó povos do universo,
É nossa em que vos pése. Só o braço
De Deus a acabará, quando, já cheia
A ira sua do viver perverso,
O mundo sepultar no escuro abysmo.

TRISTE SEM TI

Como é triste de ti longe,
Comtigo no pensamento,
Viver entregue á saudade,
Viver entregue ao tormento.

Como é triste a luz da aurora
Quando me vem despertar,
Sem a luz d'esses teus olhos
Que me venha alumiar.

Como é triste a voz das aves,
E as virações matinaes,
Sem te ouvir dizer: acorda,
Não durmas, querido, mais;

Aqui me tens a teu lado,
Outro dia comecemos
De prazer e de esperança,
Acorda, meu bem, amemos.

E amemos eu repetindo,
Minha vida, meu consolo,
Os meus braços enlaçara
Em torno ao teu lindo collo,

E louco, ancioso, de afagos
De afagos mil te cobrira?
Porém tudo são desejos,
Mas tudo é sonho, mentira!

Em vez d'esta f'licidade
O que é real, o que é certo
É que não vens acordar-me,
É que só, sem ti desperto.

Como é triste pôr-me á mesa;
Como me trava o comer
Sem, ó minha terna amada,
Por companheira te haver.

Como é triste o lar sósinho
Deixar sem dos labios teus
Escutar á despedida
Um sentido e longo adeus.

Como é triste entrar a porta
Da mesquinha habitação,
Sem que n'esta por mim bata,
Me espere o teu coração,

Sem que affavel me perguntes:
És tu? como já tardavas!
Por ouvir estas palavras,
Ó minh'alma, o que não davas!

Vens fatigado? descansa,
Descansa em meu seio amigo;
Vens triste? a tua tristeza
Dize, reparte-a comigo.

Quão feliz deve ser passar a vida,
Ó minha bella, assim!
Mas tão grande ventura e appetecida
Guarda o céu para mim?

Não sabes como a sorte me persegue?
Que ha sido o meu fadario
Viver no mundo á desventura entregue,
Á mingoa e solitario?

E ha de agora mudar-se a minha sina?
Se tal a Deus prouvesse,
Tu serias a estrella matutina
Que ante a luz apparece.

Mas, ou sejas, ou não, eu te abençoô,
Ó maga claridade,
E á minha sorte por te haver perdôo
A dura crueldade,

Esperando que um dia, já cansada,
Cesse em mim os seus tiros,
E me dê aos teus braços, apiedada,
E aos teus crebros suspiros.

Oh! como te amo tanto! se o souberas...
Muito, muito! que amor!
Se qual ardo por ti, por mim arderas
Em fogo abrazador...

Ama-me tambem muito, que eu preciso
De uma paixão sem termo,
A vêr se de algum modo suaviso
Meu coração enfermo.

Uma paixão, que cifre n'um objecto
O incendio da amante,
A ternura da mãe, da irmã o affecto,
Forte, pura, constante;

Que da amante, da mãe, da irmã, coitado,
Nunca tive os carinhos,
Que, pesadelo infausto, me ha passado
A existencia entre espinhos.

Como ancioso de amar, orphão de afagos,
Ardente, só e triste
Me achaste quando em mim os olhos vagos
Pozeste, e me feriste!

E ao vêr-te disse, cheio de alvoroço,
Meu anjo d'onde has vindo?
Da esphera azul? da terra? amar-te posso?
Oh! quanto és meigo e lindo.

És tu, és tu o guia que esperava
N'este deserto mundo,
Cuja esperanza ao longe me guiava
O passo vagabundo?

És; sinto-o dentro em mim; já me levanto
Do abysmo em que jazia;
Já de me achar qual nunca fui me espanto.
Que poder! que magia!

Para ti o thesouro que em meu peito
Tanto tempo guardei,
De vivo amor, de mil desejos feito,
E os sonhos que sonhei.

Para ti todos meus contentamentos,
E da minh'alma a essencia,
Meu presente e porvir, meus pensamentos,
Meu ser, minha existencia.

Assim disse, querida, e a toda a hora
Desde então te hei seguido,
Sustentado da chamma abrazadora,
Ao teu poder rendido.

Ah! se algum dia de paixão tamanha
Chego a colher o premio,
Se emfim da desventura escapo á sanha,
E descanso em teu gremio,

Sem me importar se tempestade ou calma
Annuncia o horisonte,
A minh'alma fundida na tua alma,
Junto á minha tua frente,

Correremos da vida no oceano;
E erguendo as mãos aos céos,
Direi ao sempiterno soberano
Sou feliz, ó meu Deus.

A UMA TRANÇA

Rico thesouro,
Que amor me deu,
Lindo cabelo
Do anjo meu,

Lindo cabelo,
Que pertenceste
Àquella fronte
Gentil, celeste,

Ah! se eu podesse,
Como te beijo,
Beijar-lhe as faces,
Rubras de peijo,

Pelos meus labios,
Por seu calor
Melhor soubera
Do meu amor.

Se eu a apertasse
Contra o meu peito,
Qual contra elle
Sempre te estreito,

Bem entendera
Minha paixão
Pelas pancadas
Do coração!

Mas impossível!
Ai! pobre amante,
Vejo-a de longe
Só um instante!

Vem, pois, ó trança
Da minha bella,
Acompanhar-me
Em logar d'ella.

Dize, se sabes,
Como é que existe;
Se vive alegre,
Se vive triste.

Dize se moro
No seu pensar;
Se alguma cousa
Posso esperar;

Ou se inhumana
Minh'alma afaga,
Como ao baixel
A falsa vaga,

Que lhe annuncia
Ora bonança,
Ora ao naufragio
Tremendo a lança.

Mas inda mesmo
Que seja assim,
E que escarneça
Cruel de mim,

Sempre hei de amar-te
Dom precioso,
Porque me lembre
Que fui ditoso.

Sobre meu peito,
De mim jazigo,
Hei de trazer-te
Sempre comigo.

Serás leteiro
Da fria lousa
Do que ella ha morto,
Mas não repousa,

Do que inda amando-a
Na cova jaz,
Sem Deus, sem ella,
Sem luz, sem paz.

Á MORTE DE NAPOLEÃO

(DE MANZONI)

Morreu; bem como gelido
Ficou, sem movimento,
Dado o mortal anhelito,
Orphão de tanto alento,
Assim ferida, attonita
Co'a nova a terra está;

Muda, na hora ultima
Do homem fatal pensando,
Não sabe quem tão válido,
Como elle caminhando,
Seu pó de sangue humido,
Como elle, pisará.

Brilhante o viu no solio
O genio meu, cahido
Depois, depois no imperio,
Depois emfim vencido,
E do universo ao fremito
Sua voz unir não fez.

Virgem de servo encomio,
E de covarde insulto,
Acorda ao sol esplendido,
Tão de repente occulto,
E solta á morte um cantico,
Que é do porvir talvez.

IN MORTE DI NAPOLEONE

(IL CINQUE MAGGIO)

Ei fu; siccome immobile,
Dato il mortal sospiro,
Stette la spoglia immemore,
Orba di tanto spiro,
Così percossa, attonita
La terra al nunzio sta;
Muta pensando all'ultima
Ora dell'uom fatale,
Nè sa quando una simile
Orma di piè mortale
La sua cruenta polvere
A calpestar verrà.

Lui sfolgorante in soglio
Vide il mio genio e tacque,
Quando con vece assidua
Cadde, risorse e giacque,
Di mille voci al sonito
Mista la sua non ha:
Vergin di servo encomio
E di codardo oltraggio,
Sorge or commosso al subito
Sparir di tanto raggio,
E scioglie all'urna un cantico,
Che forse non morrà.

Dos Alpes ás Pyramides,
Do Rheno ao Mazanares,
Raio, o veloz relampago
Seguiu, rasgando os ares;
Troou de Scylla ao Tanais,
De um mar a outro mar.

Foi verdadeira gloria?
Aos tempos a sentença.
Nós adoremos timidos
De Deus a força immensa,
Que n'elle quiz a maxima
Sua obra apresentar.

O procelloso e trepido
Prazer d'uma alta empreza,
A ancia de um peito indomito
Que sonha a realeza,
E a ganha, e alcança um premio
Que era loucura esp'rar,
Tudo provou: a gloria
Maior depois do p'rito,
A fuga e a victoria,
O throno e o exilio imigo,
No pó duas vezes, prospero
Duas vezes sobre o altar.

Appareceu; dous seculos,
Um contra o outro armado,
Ante elle prosternaram-se
Como aguardando o fado;
Impôz silencio, e arbitro
Entre ambos se foi pôr.

Dall'Alpi alle Piramidi,
Dal Mansanare al Reno
Di quel sicuro il fulmine
Tenea dietro al baleno;
Scoppiò da Scilla al Tanai,
Dall'uno all'altro mar.

Fu vera gloria? ai posteri
L'ardua sentenza; nui
Chiniam la fronte al Massimo
Fattor, che volle in lui
Del creator suo spirito
Più vasta orma stampar.

La procellosa e trepida
Gioja d'un gran disegno,
L'ansia d'un cor, che indocile
Ferve pensando al regno,
E'l giunge, e tiene un premio
Ch'era follia sperar,

Tutto ei provò; la gloria
Maggior dopo il periglio,
La fuga, e la vittoria,
La reggia, e il triste esiglio,
Due volte nella polvere,
Due volte su gli altar.

Ei si nomò: due secoli,
L'un contro l'altro armato,
Sommessi a lui si volsero
Come aspettando il fato:
Ei fe' silenzio, ed arbitro
S'assise in mezzo a lor;

Despareceu, e no ocio,
N'uma ilha só no mundo
Fındou, alvo contínuo
Da inveja e dó profundo,
De inextinguível odio,
E de indomado amor.

Qual sobre a frente ao naufrago
Se enrola e cahe pesada
A vaga, d'onde o misero,
Co'a vista alta, alongada,
Buscava em torno ávido
Praia longinqua em vão,
Tal n'aquella alma em cúmulo
Tombaram mil memorias.
Oh! quanta vez aos posteros
Tentou narrar suas glorias,
E nas eternas paginas
Cahi sem força a mão!

Oh! quantas no fim tacito
De um dia sem proveito,
No chão o olhar fulmineo,
Os braços sobre o peito,
Inteiro o seu preterito
Viu de repente erguer.

Lembrou as tendas moveis,
Os valles resoando,
Do aço o brilho tremulo,
Os esquadões ondeando,
E o concitado imperio,
E o prompto obedecer.

Ei sparve, e i di nell'ozio
Chiuse in sì breve sponda,
Segno d'immensa invidia,
E di pietà profonda,
D'ineinguibil odio,
E d'indomato amor.

Come sul capo al naufrago
L'onda s'avvolve e pesa,
L'onda su cui del misero
Alta pur dianzi e tesa
Scorrea la vista a scernere
Prode remote invan;

Tal su quell'alma il cumulo
Delle memorie scese;
Oh! quante volte ai posteri
Narrar se stesso imprese,
E sulle eterne pagine
Cadde la stanca man!

Oh! quante volte al tacito
Morir d'un giorno inerte,
Chinati i rai fulminei,
Le braccia al sen conserte,
Stette, e dei di que furono
L'assalse il sovvenir.

Ei ripensò le mobili
Tende, e i percossi valli,
E il lampo dei manipoli,
E l'onda dei cavalli,
E il concitato imperio,
E il celere obbedir.

Ai! a tamanha mágoa
Cedeu talvez afflicto,
E desesp'rou; mas valido
Braço desceu bemdito,
E para outro ar mais limpido,
Piedoso o transportou;
E pelas sendas flóridas
O conduziu da esp'rança
Ao campo eterno, ao premio
Que mais que o anhe-lo alcança,
Onde é negror, silencio
A gloria que passou.

Fé immortal, benefica
De palmas bella e ufana,
Mais um triumpho, alegra-te,
Que nunca outra mundana
Grandeza igual do Golgotha
Á affronta se humilhou;
Exulta, e o resto exanime
Guarda-lh'ó da maldade;
Quem mata, e abre os tumulos,
Quem pune, e tem piedade,
Deus do seu leito funebre
Ao lado se assentou.

Ahi! forse a tanto strazio
Cadde lo spirto anelo;
E disperò; ma valida
Venne una man dal cielo,
E in più spirabil aere
Pietosa il trasportò;
E l'avviò su i floridi
Sentier della speranza,
Ai campi eterni, al premio
Che i desiderii avanza,
Ov'è silenzio e tenebre
La gloria che passò.

Bella, immortal, benefica
Fede ai trionfi avvezza,
Scrivi ancor questo; allegrati:
Che più superba altezza
Al disonor del Golgota
Giammai non si chinò.

Tu dalle stanche ceneri
Sperdi ogni ria parola;
Il Dio che atterra e suscita
Che affanna e che consola,
Sulla deserta coltrice
Accanto a lui posò.

A MINHA SORTE

Este amor que me agrilhôa,
Que tem minh'alma captiva,
Da razão quasi me priva,
Os sentidos me povôa.
No mundo perdido andava
Em busca da minha estrella;
Debalde, não a encontrava!
Perdido agora por vê-la,
Vou atrás do seu brilhar,
Sem saber, indo com ella,
A que sitio irei parar.

Seja onde fôr. Minha sorte
Não, não me é dado fugir;
Talvez me conduza á morte,
Ou me prolongue o existir;
Porém ao menos emquanto
Os meus olhos n'ella fito,
Em Deus, nõ bem acredito;
Sinto estancar o meu pranto
Ao seu intenso fulgor;
Em mil sonhos apraziveis,
Ephemeros, impossiveis,
Esqueço a triste existencia,
E abrando a sua inclemencia
Ao fogo do meu amor.

Que importa se me despenho
Em profundo precipicio,
Seguindo tão bello guia?
Que importa se em breve tenho
De achar em vez de alegria
Augmentado o meu supplicio?
Quem ouve a razão pausada
Quando brada o coração:
Segue a florea, aberta estrada,
Segue d'esse astro o clarão?
Vale mais viver sonhando
Do que acordado soffrer,
Vale mais um instante vêr
O seu lume claro e brando
Do que sósinho penando
Apoz seculos morrer.

Morte era a vida mesquinha
Que antes de achal-a arrastei,
Morte era a vida que eu tinha;
Agora resuscitei.
Aos seus raios scintillantes
Nada é já qual era d'antes,
É todo o mundo um jardim;
Não porque este se mudasse,
Porém mudou-me ella a mim.
Agora minh'alma scisma,
Como se tudo olvidasse,
Tudo quanto já passou,
Com outro mundo diverso,
Como não ha no universo,
Que o vejo através do prisma
Que a minha vista offuscou.

Ah! minha estrella, se as azas
Com que vòa o pensamento
Eu as podêsse tomar,
E essa chamma em que me abrazas
Ir mais perto contemplar,
Como fôra venturoso!
Que doce contentamento
O peito me inundaria!
Era a teu lado ditoso,
Ou em teu fogo morria.

Assim não o quer o fado;
Não lhe importa quanto sinto!
Sempre me foi despiedado!
Deixemol-o; és tu agora
O meu fado, a minha sina,
Ó minha estrella divina.
N'este humano labyrintho,
Onde andei perdido outr'ora,
Vens-me as sendas aclarar,
E tudo que triste fôra
Alegre e bello tornar.

Dá-me azas, pois, ou suspende
Sobre teus raios de prata
O meu corpo até aos céos,
Ou, senão, d'elles descende
A mim, não sejas ingrata
A quem te ama como a um deus.
Mas, se assim mesmo tu fôres,
Hei de te dar meus amores,
Hei de te sempre seguir
Quer á vida, quer á morte,
Que tu és a minha sorte,
E eu não te posso fugir.

ENLEIO

Quem me dará palavras com que exprima
Tão forte, como a sinto,
Esta ancia de viver que me atormenta?
Nem eu mesmo me entendo.
Soffro, desejo, espero e desconfio;
Ora deliro e gemo,
Ora maldigo o mundo, amor e tudo,
E tédio em tudo encontro.
Que é esta voz, composto de mil vozes,
Que dentro de mim falla,
Esta voz a chamar-me a todo o instante,
E a pintar-me na ideia
Um phantastico mundo de delicias
Que inda encontrar não pude?
É ambição de gloria, ou de venturas?
É desejo de goso?
É amor? não o sei; será tudo isto;
Mas o que sei dizer-te,
Ó minha formosura, é que mal vejo
Raiar o teu semblante,
Me parece sentir uma outra vida.

ÁS POESIAS POSTHUMAS DE A. DE CABEDO

Pobres orphãos do misero poeta,
Versos d'amor, d'esp'rança e de amargura,
Como agora sorrides tristemente,
Quaes flôres em deserta sepultura!

Ereis d'antes o ai das suas mágoas,
Dos sonhos seus o deliroso canto,
O reflexo do fogo de su'alma,
Seus amigos na dôr, seu doce encanto.

Hoje memorias sois do que não vive,
Eccos soturnos de fatal saudade,
Que vem de sob a lousa onde descansa
O filho da harmonia e inf'icidade!

Quem vos lêr, quando ás vezes um sorriso
Achar em vós, não julgará de certo
Como, emquanto eram ledos os seus labios,
Sentia o peito lugubre e deserto;

Como foi desgraçado nos amores;
Como arrastou a fadigosa vida;
Como ao trabalho succumbiu sem forças,
E a lyra lhe tombou no chão partida!

Mas ao menos, ao vêr-vos tristosos,
Crescendo sobre a sua sepultura,
Dará um pranto ao que luctou no mundo,
E apenas houve em paga a desventura!

Ao que ás suas canções nem mesmo poude
Entre louvores recolher o fructo;
Ao que teve por palma o desalento,
Por applauso a mudez, por festa o lucto!

Esta é do vate a sina: canta e chora,
Sonha co'os céos, a pelejar co'a sorte,
E muita vez as flôres que educára
Só rescendem pisadas pela morte!

SEM ESPERANÇA

Porque ousei levantar os meus olhos
Aos teus olhos, ó virgem formosa?
Fiquei cego da luz radiosa,
E não pude o seu brilho fitar.
Tudo quanto era alegre e brilhante
Ora triste, ora negro parece;
Assim tudo se enturva e escurece,
Se tentamos o sol contemplar.

Não sei, pois, o que exprimem, que fallam
Da minh'alma essas claras estrellas;
O que sei é que as amo e são bellas,
Como iguaes n'este mundo não vi.
São as mesmas, as mesmas que vejo
Nos meus sonhos de van phantasia,
Quando o anjo de amor e poesia
Condoído me afaga, e sorri.

Mas, como elle, tambem de esperança
Veem fallar-me? de amor, de piedade?
Não o sei; talvez só crueldade
Para mim lhes anime o fulgor.
Se eu podésse lêr n'elles, se acaso...
Ai! melhor é viver na incerteza,
Que, se dizem teus olhos crueza,
A minh'alma estalára d'amor.

O que apenas te peço é: que, ao lêres
Estes versos, que tu me inspiraste,
Te recordes de quem condemnaste
Para sempre a viver infeliz.
Que loucura! tão bella, e julgar-te
Para mim! Tinha ainda outro rogo...
Vão intento; suffoque-se o fogo.
Se o desejo, o meu labio o não diz.

Suffocar a paixão que me abraza?
Suffocar esta chamma terrivel?
Impossivel, meu Deus, impossivel!
É deixal-a no peito lavar,
Sustentando-a da dôr e martyrio,
Da contínua, da viva lembrança,
Sem poder uma fraca esperança
Nem ao menos comigo abrigar.

FRAGMENTOS TRADUZIDOS

DO CHILDE HAROLD DE BYRON

« Adeus, adeus! da minha terra as praias
Perdem-se ao longe no azular das aguas;
Geme a brisa da noite, brama a vaga,
Solta a gaivota contristadas mágoas.

Do sol já no occidente a sepultar-se
A luz seguimos que desmaia os céos.
A elle e a ti, ó terra do meu berço,
Pela vez derradeira—adeus, adeus!

Em breve o rei dos astros novo brilho
Ao mundo co'a manhã virá trazer,
E saudarei o mar e o firmamento,
Mas não o solo que me viu nascer.

Meu soberbo palacio está deserto;
Dentro d'elle a tristeza se assentou;
Bravias plantas pelos muros crescem,
Uiva meu cão á porta que guardou.

Chega, chega-te a mim, meu joven pagem,
Porque choras assim? o que lamentas?
Temes das vagas o rugir medonho?
O rosto á ventania não sustentas?

Enxuga o pranto que te rega as faces;
É o nosso navio forte e ligeiro;
Dos meus falcões o mais veloz, a custo,
Na apostada carreira irá primeiro.»

«Sobre o vento sem freio, ruja a vaga;
Que nem o vento, nem as ondas temo.
Comtudo, meu senhor, não vos espante
Se d'esta sorte amargurado gemo;

Porque em terra deixei meu pae querido,
E minha triste mãe abandonei.
Eis meus amigos, a não serem estes,
A não ser Deus e vós, de outros não sei.

Deu-me a benção meu pae na despedida,
Resignado na dôr, sustêve o pranto;
Mas até que de novo á patria volte
A minha afflicta mãe chorará tanto!»

«Basta, meu joven pagem; a teus olhos
Ficam-lhes bem as lagrimas da dôr;
Se eu, qual tu, innocente inda vivesse,
Tambem teria lagrimas de amor.

Vem, meu servo fiel, chega-te e dize
Que tens? porque descora o teu semblante?
Do inimigo francez acaso enfias,
Ou do vento que sopra sibilante?»

«Não sou tão fraco, meu senhor, em face
Da morte não julgueis que eu esmoreça;
Porém pensando n'uma ausente esposa
Não é muito que o rosto empallideça.

Perto de vossa habitação, meus filhos
E companheira junto ao lago moram;
E o que ha de ella, coitada, responder-lhes,
Se pelo pae que está distante choram?»

«Bem, meu antigo, meu fiel criado,
Ninguem pôde estranhar-te essa tristeza;
Mas eu que tenho o genio leviano
Rio, vendo dos mares a largueza.

Quem nos suspiros mentirosos fia
Da esposa estremecida ou cara amante?
Novo amor limpará aquelles olhos
Que choravam por nós ha um instante.

Não julgues que lamente o bem passado,
Ou que os perigos antevêr pareça;
O que mais sinto é não deixar em terra
Quem um ai, uma lagrima mereça.

Solitario eis-me agora n'este mundo
Sobre o deserto, illimitado oceano.
Tudo se esqueça, que ninguem se lembra
Tambem de mim, amargo desengano!

Talvez meu cão á porta uive debalde
Até ser pelo estranho alimentado;
Mas, se eu voltar, a mão que o sustentára
Infel morderá, já deslembado.

Veloz, veloz comtigo, minha barca,
Através do oceano naveguemos.
Não me importa a que terra me conduzas,
Basta que á patria nunca mais voltemos.

Salve, ondas do mar azul escuro!
E, quando vos perder dos olhos meus,
Salve, grutas profundas! salve, ó ermos!
Terras da minha patria, adeus, adeus! »

Eis succede de Cintra o paraizo
Por variada confusão de montes
E de valles formado. Ah! quem podéra
Com a penna ou pincel seguir metade
Sequer das scenas que descobre a vista,
Scenas que mais offuscam os humanos
Do que essas fabuladas pelo vate
Que abriu do Elysio a porta ao mundo absorto.

Horrificos rochedos coroados
Por convento suspenso sobre o abysmo,
O branco sovereiro guarneendo
A arrelvada subida, da montanha
O musgo pelo ardente céu queimado,
O fundo val onde pranteia o arbusto
Sempre ausente do sol, o azul suave
Do não rugado mar, da lorangeira
Os fructos com sua côr doirando os ramos,
Do mais formoso verde revestidos,
As torrentes que saltam dos rochedos
Ao val, a vide que as alturas cobre,
Os salgueiros em baixo um quadro formam
Brilhante, variado e magestoso.

Subindo lentamente o retorcido
Caminho, para traz a miudo os olhos
Voltai, e novo enlevo das mais altas
Montanhas descubris. Ide subindo,
E descansai da Pena no convento,

Cujos monges frugaes aos estrangeiros
Mostram reliquias, velhas lendas contam,
Aqui houveram seu castigo os impios;
Além n'aquella gruta largo tempo
Viveu Honorio, que tornou o mundo
Para ganhar o céu em negro inferno.

A cada passo que galgaes as rochas
Rude-lavradas cruces no caminho
Notaes; mas não julgueis que são offertas
De pura devoção—frageis memorias
Só do assassino a ira symbolisam.
Em toda a parte em que derrama o sangue
Sob o ferro cruel a afflicta victima
Fórma de duas ripas carunchosas
Qualquer grosseira cruz; milhares d'ellas
Povoam esta terra ensanguentada,
Onde a lei não garante a propria vida.

No pendor da collina ou fundo valle
Se descobrem palacios, em que outr'ora
Habitaram monarchas; hoje apenas
Lhes cresce em roda alguma flôr agreste!
Mas inda arruinados tem grandeza!
Além se eleva o soberboso alcaçar
Do príncipe. Wathek, tu dos filhos
De Albion o mais rico, alli formaste
O paraizo teu, sem que previsses
Como a infrene opulencia embalde emprega
Quantas póde attracções voluptuosas
Para reter comsigo a paz serena.

D'este monte na falda, eternamente
De verdura vestido, tu moraste,
Novos prazeres ideando alegre.

Mas ora, como cousa amaldiçoada,
Jazem sós, como tu, teus bellos paços.
Um trilho apenas as gigantes hervas
Deixam ao viajante para as portas
Abertas sempre, e abandonadas salas.
Nova lição para o que pensa quanto
São inuteis na terra os vãos prazeres
Que o tempo estragador afunda em breve.

Eis a sala onde os chefes se ajuntaram
Ha pouco! Scena aos olhos odiosa
Do consternado ínglez! Vêde sentado
Anão demonio, sem cessar zombando;
Da loucura o barrete, qual diadema,
Lhe cinge a fronte; é pergaminho a veste;
Um sêllo e negro rôlo pendurados
Traz ao lado, onde nomes conhecidos
De cavalleiros e fidalgos brilham;
Muitas assignaturas o confirmam,
Para que o demo aponta ás gargalhadas.

Convenção é o nome que lhe toca.
Foi ella que os unidos cavalleiros
Venceu de Marialva no palacio.
De juizo os privou (se acaso o tinham),
E em tristeza mudou os vãos festejos
De uma nação. Aqui foi pela insania
O vencedor penacho aos pés calcado,
E ganhou a politica matreira
O que as armas perderam. Cresce embalde
Para taes chefes da victoria o louro!
Maldito o vencedor, não o vencido
Pois que frustrado sae nosso triumpho
Na lusitana terra.

E desde o dia
Do marcial congresso Albion desmaia,
Cintra, sómente de escutar teu nome.
Os cabeças do estado ouvindo-o tremem,
E do pejo obrigados córariam,
Se vergonha tivessem. Que juizo
O porvir formará de tal evento?
Como as nações amigas, como os nossos
Hão de zombar de nós, vendo privados
Da gloria os campeões por esses mesmos
Que vencidos no campo aqui venceram!
O escarneo não virá inexoravel
Dos tempos através dizer tal feito?

Ó amavel Hespanha, ó nomeado
Torrão, paiz romantico e formoso,
Onde o estandarte está, que ergueu Pelaio
Quando de Cava o pae chamou, primeiro,
Traidor, o mouro, que de godo sangue
Às tuas serras turbou as claras aguas?
Onde os pendões sangrentos, que ondeavam
Triumphantes ao vento, despregados
Por sobre os filhos teus, até lançarem
À praia sua o roubador vencido.
Então a cruz brilhava côr de purpura,
E desmaiava pallido o crescente,
Emquanto que dos mouros as matronas
Com seu longo gemer apiedavam
Os eccos africanos.

De taes feitos
Os cantos populares não são cheios?
Ah! eis-aqui do heroe o melhor fado!

Quando a pó se reduz o monumento,
E fallecem annaes, a duvidosa
Vida te alonga de um pastor a endeixa.
Baixa a vista dos céos a ti, orgulho;
Vê como os grandes n'um cantar humilde
Vão procurar abrigo, e n'elle cabem.
Podem columnas, edificios, livros,
Conservar-te a grandeza? ou te confias
Na simples tradição quando contigo
A lisonja morreu, e a historia é injusta?

Acordai, acordai, filhos de Hespanha;
Eis a cavallaria, vossa deusa
Em outro tempo, que vos grita: ávante!
Mas, como então, a sequiosa lança
Não brande, nem as plumas de escarlata
Altaneira sacode. Vôa agora
No fumo espesso das ardentes balas,
Na bôca dos canhões falla troando,
Como o trovão, e em cada som vos brada:
Acordai, levantai-vos. É mais fraco
Hoje o reclamo seu? Já não restruge
Como quando nas praias andaluzas
Da guerra o brado levantou tremendo?

Silencio! não ouvis tropel medonho
De ginetes ao longe? na planicie
O fragor do combate não resôa?
Não vêdes a quem fere o sabre irado?
Que não salvaes vossos irmãos primeiro
Que morram sob o ferro dos tyrannos,
Ou dos escravos seus? Lampeja a bala
Fogo, fogo de morte nas alturas;
Cada descarga que de rocha em rocha
Sòa, diz que mil homens pereceram.

Cavalga a morte ignivomo siroco,
E a vermelha batalha fere a terra
Co' o pé, e só de ouvil-o os povos tremem.

Eil-o o gigante na montanha se ergue
Ao sol deixando vêr sanguenta a coma.
Luz-lhe raio mortal na ignea dextra;
Queima tudo co' os olhos, já inquietos,
Já fitos, já ao longe fuzilando.
Junto a seus bronzeos pés nota a ruina
Os progressos do mal, pois hoje mesmo
Para nas aras suas derramarem
Sangue humano, a oblação que lhe é mais cara,
Tres nações poderosas se reúnem.

Oh! meu Deus! que magnifico espectaculo
Não é para o que alli não tem amigo,
Nem irmão, vêr as fardas recamadas
De varias bordaduras, e as diversas
Armas que ao sol reluzem das batalhas!
Como os ardentes, bellicos molossos
Os despertam da paz, e se preparam
Para tragar a prêsa! Em altos uivos
Todos elles lá vão, mas do triumpho
Poucos devem gosar. A maior parte
Ao tumulto pertence. Da alegria
No auge, a destruição dos que morreram
Apenas poderá dizer o numero.

Tres exercitos se unem differentes
Para fazer o sacrificio; estranhas
Orações linguas tres a Deus enviam;
Escarnecendo o firmamento, ondeiam
Tres louçãos estandartes; longos vivas
Hespanha, França, Albion, victoria clamam.

A victima, o inimigo e o alliado,
Que, indulgente de mais, por todos lucta,
Porém sempre debalde, se congregam
(Nem que morrer na patria não podessem)
Para cevar o corvo nas campinas
De Talavera, e dar fertilidade
Ao disputado solo.

Aqui os vermes

Hão de roer os corpos d'esses loucos,
Celebres filhos da ambição, que a honra
Depois da morte com seu brilho doura.
Sophisma inutil! quando são apenas
Miseraveis, quebrados instrumentos
Que aos milhares immolam os tyrannos
Para cobrir de corações a estrada,
A estrada que os conduz, ao quê? a um sonho!
Póde alcançar o despota quem preze
Seu imperio, ou chamar sequer um palmo
De terra seu, a não ser esse, aonde
Emfim tem de tornar-se em pó, em nada?

Ó Albuera, ó glorioso campo
De lucto e de tristeza, quem prevera,
Quando por ti passava o peregrino,
Incitando o corcel, que tão depressa
Fôras da morte e da victoria a scena?
Paz aos mortos. Que a palma do guerreiro,
Que as lagrimas vertidas no triumpho
Lhes possam prolongar a recompensa.
Até que outros mandados de outros chefes
Succumbam, juntará teu nome o povo
Maravilhado, e brilharás, objecto
Dos seus obscuros transitorios cantos.

Rapido Harold, e solitario segue.
Já vê Sevilha que, soberba, ainda
Indomita pompeia. Livre, é livre
Dos roubadores a almejada prêsa.
Mas em breve a conquista ha de pizal-a
Co'os pés de fogo, e ennegrecer cruenta
Seus bellos paços. O destino o manda!
Quando a destruição conduz seus filhos,
Esfaimados leões, contra a fortuna
Embalde, embalde o homem se conspira.
Se tal não fosse inda vivera Tyro,
Inda Troia vivera, triumphante
Fôra a virtude, nem medrâra a morte.

Porém, ignaros do imminente estrago,
No canto, e festas e prazer se engolfam
Os habitantes seus. Em varios modos,
E estranhos de alegria o tempo levam,
Sem que sangrem da patria co'as feridas.
O clarim do combate não resôa,
Mas do amor a guitarra. Seus sectarios
A loucura escravisa; scintillando
De mocidade os olhos, a luxuria
Ronda alta noite; e o vicio, acompanhado
Pelos tacitos crimes das cidades,
Se agarra até á ultima ás ruinas
Que ameaçam cahir.

Mas d'este modo
Não folga o camponez: junto da esposa,
Tremula, está occulto, e não se atreve
Ao longe a destender o olhar afflicto,
Temendo vêr sua vinha destruida,
Crestada pelo sopro dos combates.
Já não faz torneiar as castanholas

O fandango ao luzir da amiga estrella
Da tarde. Ah! reis da terra, se a alegria
Que destruis saborear podesseis,
Da gloria não soffrereis os trabalhos,
O rouquenho tambor ficára mudo,
E inda ditoso viveria o homem.

Que descanta o azemel? bem como outr'óra,
Os romances, o amor, as pias lendas
Com que as legoas compridas alegrava
Ao vivo tintinar das campainhas?
Não; no veloz correr entôa apenas
—Viva el-rei—que interrompe muitas vezes
Para amaldiçoar Godoy e Carlos,
O real consentidor, e a hora infausta
Em que o mancebo de olhos negros vira
A rainha de Hespanha e do seu goso
Adultero nasceu á luz do dia
A vil traição de ensanguentada face.

A cada volta vê-se a ennegrecida
Alta serra Morena sustentando
Pesada bateria, e ao longe, quanto
Póde dos homens abranger a vista,
Os cortados caminhos, da montanha
O obus, a palissada que se erriça,
O fosso cheio, o posto, a guarda álerda,
Os armazens formados no rochedo,
Pyramides de balas, e o accêso
Morrão, certos annuncios do futuro.

Mas esse, cujo aceno dos seus thronos
Despotas, menos que elle, derrubára,

Espera um pouco antes que vibre o açoite,
E faz a graça de os poupar ainda.
Em breve as suas legiões guerreiras
O caminho abrirão. Deve o occidente
O flagello tambem provar do mundo.
Ah! quão triste ha de ser o dia, Hespanha,
Em que o abutre das Gallias levantando
O vôo, as azas sobre ti abertas,
Vires os filhos teus cahir sem numero
Arremessados no profundo abysmo!

E hão de cahir os jovens? Os altivos,
Os bravos cahirão porque o reinado
Fatal de um chefe soberboso exaltem?
Entre a escravidão e a morte um passo
Não medeia sequer? entre o triumpho
Da rapina e da Hespanha a triste queda?
Ha de castigo tal mandar Aquelle
A quem adora o homem, sem que preste
Às fervorosas súplicas ouvidos?
Não vale, pois, de nada o desesp'rado
Valor, dos sãos conselhos a prudencia,
Do patriota o zelo, a disciplina
Do veterano, a ardente mocidade,
E dos annos viris o ferreo peito?

Foi para isto que a virgem das Hespanhas
Se levantou, e suspendeu nos ramos
Do salgueiro a guitarra silenciosa?
Foi para isto que, audaz, mudado o sexo,
Hymnos de guerra entoou, correu á guerra?
A que atemorizava a simples vista
De uma ferida, a que o piar do mocho
Resfriava de medo, agora encara
A columna erriçada de bayonetas,

Do gladio o faiscar, e sobre os corpos,
Quentes ainda, qual Minerva, marcha,
Do que treme até mesmo o proprio Marte.

Vós, que assombrados lhe ouvireis a historia,
Se a conhecesseis nos seus bellos dias!
Se aquelles olhos negros que escarnecem
De sua negra mantilha houvesseis visto,
Se lhe escutasseis os alegres cantos
Co'as companheiras, se nas longas tranças,
Que a arte do pintor em nada tornam,
Attentasseis, ou n'essas bellas fórmãs,
Ou n'essa mais que feminina graça,
Não julgariéis que os constantes muros
De Saragoça a viram no perigo
Com semblante de Gorgona as cerradas
Fileiras rareando, e pelas asperas
Sendas da gloria conduzindo os fortes.

Cae o amante? não chora inuteis lagrimas.
Morre o chefe? preenche o fatal posto.
Fogem os seus? retém-os na fugida.
Cede o contrario? com sua gente o acossa.
Quem do amante melhor calmára os manes?
Quem de um chefe melhor vingára a queda?
Que outra melhor levantaria o animo
Dos timidos soldados? quem mais fera
O francez fugitivo perseguira,
Ante as proprias muralhas que atacava
Pelo poder de uma mulher vencido?

Das amazonas não julgueis entanto
Filhas as hespanholas; para todos
Os feitiços de amor foram formadas.
Posto nas armas seus irmãos emulem,

E ás horridas phalanges se abalancem,
É o brando furor da rôla amante,
Que fere a mão que o companheiro ameaça.
Na firmeza ou doçura muito excedem
Dos mais remotos climas as mulheres,
Só afamadas no fallar continuo.
Mais nobre é seu espirito, e suas graças
Talvez são tantas como as graças d'ellas.

Em ligeira covinha profundada
Pelo dedo do amor a lisa barba
Que brandura não mostra! Aquelles labios,
Aonde já os beijos se debruçam
Quasi a deixar o ninho, ao homem dizem
Que para os merecer seja valente.
Em seu olhar que formosura rude!
Embalde Phebo quer murchar-lhe as faces;
Da amorosa impressão mais frescas brilham.
Quem buscará do norte as desmaiadas
Bellezas? Como são de encantos pobres!
Como fraqueza e languidez respiram!

Terras que em seu cantar celebra o vate,
Harens do oriente, onde na lyra exalto,
Longe, bem longe, formosura tanta
(Que nem o maior cynico a negára),
Comparai-me as houris, ás quaes apenas
Deixaes provar do zephyro a bafagem,
De medo que no vento o amor aspirem,
Ás hespanholas de olhar negro e ardente,
E alli direis achar-se o paraizo
Do vosso bom propheta, e as de olhos pretos
Virgens celestiaes, sêres angelicos.
Ó tu, Parnaso, que eu agora vejo
Não no delirio de escaldado sonho,

Não através do fabular dos bardos,
Mas de neve coberto, erguendo a fronte
No teu nativo céu, em toda a pompa
Da agreste magestade das montanhas,
Quem levará a mal este meu canto?
O mais humilde peregrino alegre,
Quando passa por ti, co'os sons da lyra
Os eccos te convida, bem que as musas
Já não desprendam do teu cume os vôos.

Ah! quantas vezes não sonhei contigo,
Contigo, cujo nome glorioso
Só não conhece quem de todo ignora
Da humanidade o mais divino emprego!
E hoje, que te vejo, com vergonha
Em debeis sons, e tímido te adoro.
Tremo, curvo o joelho ao recordar-me
Dos teus adoradores de outras eras.
Não posso a voz erguer, voar não posso;
Mas sob o teu docel de vastas nuvens
Pasmado te contemplo e silencioso,
Ledo por a final gosar tua vista.

Mais feliz n'este ponto que os maiores
Vates que de ti longe foram prêsos
Pela mão do destino, hei de, insensível,
Presenciar a cõsagrada scena,
Que outros, sem nunca a vêr, celebram tanto?
Posto já não frequente a gruta sua
Apollo, posto agora sejas tumulo,
Não assento das musas, n'estes sitios
Vaga não sei que espirito formoso,
Que suspira na aragem, que preside
Ao silencio das grutas, que deslisa
Com vitreos pés nas aguas melodiosas.

A ti pertencerão, a ti meus versos.
A ti por quem deixei o meu assumpto
Para dar-te homenagem; por tua causa
A terra, os filhos esqueci da Hespanha,
E as virgens suas, e o seu fado mesmo,
Querido a todos que se dizem livres,
Tudo para saudar-te, não sem lagrimas.
Agora prosigamos. Deixa entanto
Que leve do teu solo consagrado
Uma reliquia, uma memoria apenas.
Dá-me uma folha da immurchavel planta
De Daphne, e faze que do teu devoto
Não creiam vã jactancia as esperanças.

Mas nunca viste mais brilhante côro,
Quando a Grecia floria, ó bello monte,
Em redor de tua base agigantada;
Nem viu Delphos jámais, a propria Delphos,
Quando a sacerdotisa os Pythios hymnos
Soltava, accêsa em sobrehumano fogo,
Mais proprias virgens para os ternos cantos
Inspirarem de amor que as andaluzas
Nutridas no regaço escandecido
Do suave desejo; assim gozassem
De sombras tão pacificas, ó Grecia,
Como inda as tuas são, posto sem gloria.

Bella é a altiva Sevilha; justamente
Póde n'ella apontar soberba a Hespanha
A riqueza, o poder, a antiguidade;
Mas Cadix em distancia levantando-se
Na costa a um pensamento nos obriga
Mais delectavel, sim, porém ignobil.
Quão suaves não são os teus caminhos,
Vicio voluptuoso! Quem na quadra

Em que da mocidade o sangue ferve
Ao fulgir dos teus olhos dardejantes
Poderá escapar? Hydra escondida
De um cherubim na imagem, famulento
Nos rodeias, moldando a cada gosto
Tua querida, enganadora sombra.

Quando o tempo lançou por terra Paphos
(Tempo maldito que a rainha mesmo
Que tudo vence á tua acção sujeitas)
Os prazeres fugiram procurando
Outro, como esse, abrazador terreno,
E Venus, ao seu mar natal constante,
Inda que a nada mais, voou direita
Aos brancos muros da formosa Cadix,
E dentro d'elles construiu seu templo;
Mas não foi este o unico, milhares
D'elles, sempre de luzes scintillando
Em seu culto e louvor ha dedicados.

NUNCA MAIS

Nunca mais áquellas horas
Em que eu vêr-te costumava,
Quando já para o occidente
A luz do sol caminhava;

Nunca mais, ó minha bella,
Entre os vivos te hei de vêr,
Que do teu leito de pedra
Já te não pôdes erguer!

Aquelle amor que me dêste,
Que hoje ainda me alumia,
Que findára tão depressa,
Ai de nós! quem o diria?

Como a tua fronte calma
E gentil se levantava,
Como das rosas da vida
Alegre se coroava!

E pelos goivos da campa,
A morte as rosas trocou,
E as rosas das tuas faces
Tambem, cruel, as murchou!

Afoute no mundo entravas
Toda fagueira e risonha,
Como quem n'elle innocente
Ainda co'os anjos sonha.

Mas logo aos primeiros passos
Que na existencia tu dêste,
Encontraste a sepultura,
E para o mundo morreste!

Perdi-te, perdi minh'alma,
E a luz minha não te vendo,
E, do que fui como sombra,
Entre os homens vou soffrendo.

E nunca mais, ó querida,
Eu te hei de vêr! Nunca mais
Hei de gosar teus sorrisos,
Tuas graças divinaes?

Tudo morreu, foi contigo,
Tudo acabou, e eu fiquei!
Ah! porque tambem a vida
N'esse instante não deixei?

Não o quiz o meu destino,
Porque toda houvesse a dôr;
Por me deixar a saudade
Do nosso tão casto amor;

Para que eu compare os tempos
Da ventura e da desgraça,
E veja que uma foi breve,
Mas que a outra nunca passa.

Já não goso dos teus olhos
A luz que me fascinava,
Já tua voz não escuto
Que do empyreo me fallava!

Já não sorriem teus labios,
Já não te vejo mover,
Já do que é teu nada tenho!
Que faço pois em viver?

Como o tronco despojado
De folhas, meio cahido
No declive da montanha,
Sobre o abysmo suspendido,

Que sente a grossa torrente
Pelas raizes passar,
Com que ainda se alimenta,
Mas que a morte lhe ha de dar,

Assim vivo eu n'este mundo
Por meu pranto sustentado,
Até que por elle á campa
Seja tambem arrastado.

Assim vivo, ó alma pura,
Desde aquelle triste dia,
Em que o teu corpo formoso
Me encobriu a terra fria.

E nunca mais os teus olhos
Meus olhos encontrarão!
Nunca mais! rouba-m'a a terra,
E os anjos m'a roubarão!

Que me resta pois? a mágoa,
E do que foi a saudade,
O porvir sem esperança,
E da dôr a eternidade.

UM QUADRO

Quero, ó pintor, um quadro bem singelo:
Nem lagos, nem jardins, enlevo d'olhos,
Nem denso bosque, nem relvoso prado,
Nem pinturas de amor, nem calmas scenas
Do campo, nem imagens de ventura,
Não, nada d'isto; pinta-me um rochedo
No qual alveje mal talhada campá,
Que signale uma cruz, aos pés o oceano
Estendendo o sudario de suas aguas,
Grande, insondavel, do infinito imagem,
Até ir confundir-se no horisonte
Co' o fundo azul do céu; é quanto peço;
Que n'esta solidão quero a minh'alma
Solta lançar, enchendo-me o deserto
Do illimitado mar, do céu sem termo
A ideia de Deus, e o desengano
D'este penar a que chamamos vida.

ACORDA

Acorda, abre teus olhos á luz pura,
Que já desponta alegre a madrugada;
Chama-te desejosa a natureza,
Acorda, ó minha amada.

Vem vêr como no céu, tingido o oriente
Do matutino alvor, pallido ainda,
Rasga a manhã de manso o véo á noite,
De assustada mais linda.

Da singeleza emblema radiante,
N'ella te verás toda retratada,
Assim és tu, e assim do leito surges
Tambem, ó minha amada.

Quando apoz o esperar alfim te vejo
Chegar, bem como acordas, á janella,
Pallida a face, a trança em desalinho,
Não és assim, ó bella?

E não córas depois, como ella córa,
Pelas rosas da aurora coroada?
Mas é em ti o pejo a rosa unica,
Ó minha casta amada.

Rodeia e beija a flôr molhada ainda
O zephyro travesso, e á vida a chama;
Brando arroio de luz, descendo os montes,
Nos campos se derrama.

Da selva acorda o canto harmonioso,
Gorgeia o rouxinol, já despertada,
A terra se alvoroça, tu sómente
Repousas, minha amada.

Porque não dás que no sorriso angelico
De teus purpureos labios entreveja
O dia que a minh'alma n'este mundo
Mais que o dia deseja?

Em vão, em vão te chamo! não me escutas!
Dorme, dorme o teu somno socegada;
Mas em sonhos de amor sonha comigo
Ao menos, minha amada.

TEU NOME

Porque a toda a hora e instante
O nome teu pronuncio,
Ó minha candida amante?
Teu nome que é mais macio
Do que a brisa que murmura
Em calmosa tarde estiva
Do prado pela espessura,
E faz que o prado reviva?

É que com elle na bôcca
Sinto dos labios o fel
Que logo se abranda e troca
No mais saboroso mel;
É que tu és para mim,
Como a brisa para as flôres,
Mas para ti o jardim
São sómente minhas dôres.

Por acaso nunca viste
Em campo extenso e deserto,
Sem arbusto ou relva, triste,
Ao sol, á tormenta aberto,
Manso regato correr?
Esse campo é minha vida,
E do regato o poder
Tem o teu nome, querida.

Quando amanhece eu o digo,
Qual se fosse uma oração,
Em que vai buscar abrigo
Meu afflicto coração;
Repito-o sempre de dia,
E depois, quando anoitece,
Como um astro me alumia,
E consolar-me parece.

Até dormindo, os meus sonhos
Alegres me vem tornar,
Ou os espectros medonhos
Com seu brilho afugentar.
Sempre, ou soffra, ou durma, ou vele,
Ó minha amada, eu o vejo,
Porque a minha vida é elle,
Porque é elle o meu desejo.

D. MARIA TELLES

Eram da noite as horas derradeiras;
Pouco tardava que a manhã viesse
Do seu manto d'estrellas
Despir o marchetado firmamento.
Jazia socegada
Coimbra, a bella, e a candida Maria,
A irmã de Leonor, longe do esposo,
No seu ducal palacio repousava.
Triste, distante d'elle, arrasta os dias,
Dias que lentamente vão passando,
E que só a esperança
De cedo o vêr de leve suavisa.
Cansada de pensar, no brando leito,
Agora solitario,
Embalde revolvendo-se,
Por longo tempo o somno procurára,
Até que, a natureza
De todo subjugada, adormecera.

Mas nem assim o espirito se acalma.
Sonha, e em sonhos se lhe pinta a imagem
Do caro esposo que lhe está na ideia.
Vê-o que ao lado seu lhe diz que a ama,
E leda percorrendo
Do seu viver de amor as horas todas,
Em todas ellas a ventura encontra.

Agora é a vez primeira que se viram,
E o olhar que a centelha
Foi do voraz e subitaneo incendio;
Logo os sorrisos, o fallar, as preces,
As queixas, os suspiros namorados,
E o primeiro d'amor nectareo beijo,
Que ardentes mil e mil depois seguiram.

Outras vezes em extasi,
Como presente, vê em sancto laço
Por Deus abençoado, unirem-se ambos;

Depois, sempre felizes,
Uns apoz outros succeder os dias.
Se do seu D. João o estar ausente
Lhe vem acaso perturbar os sonhos,
Logo imagina que virá em breve,
Que já parte, que chega; que anciosa
Toda banhada em lagrimas e risos,

Se lança nos seus braços,
E n'elles outra vez encontra a vida.

Assim de pensamentos de alegria
Seu dormir povoava,
Mas de repente, em sobresalto acorda.
Tropel ruidoso e retinir de ferros,
Ainda mal desperta,
Sente, e de medo o sangue se lhe gela.
Jesus! e as mãos alevantando tremulas,
Ao Eterno supplica
Em muda prece, que fallar não ousa.
Jesus! e já forçada

A porta do aposento range e cede,
E de roldão por ella precipita-se,
Dos seus á frente, de furor armado,
Quem? o seu proprio esposo!

Do leito a pobre se ergue espavorida,
E, apesar do perigo,
Vergonhosa, cobrir tentando as fôrmas,
As bellas fôrmas, que a nudez revela,
Aos pés d'elle se lança,
Inundando-os de lagrimas,
E por o vêr ainda esperançosa.

Quem se não abrandára,
Contemplando tamanha formosura,
E nos olhos chorosos
Vendo-lhe a alma limpa retratada?
Elle, o cruel ministro
De Leonor, da maldade conselheira;
Elle, que a nada cede,
Que a repelle de si, que a não attende,
E sobre a que o amou e ama tanto,
E o perfido sómente amar fingira
Cospe a injuria, a maldição, a infamia.
Quanto mais pede a triste, mais a raiva
Encruece do esposo;
Porém ella animosa,
Como quem não tem crime, os pés lhe abraça,
Supplica, geme, chora, e a Deus attesta,
A Deus, que tudo sabe, e é testemunha
De sua firme innocencia.
Em vão; nada lhe vale!
Antes, a seus protestos só responde
Com suspeitas e affrontas,
E sobre o tenro corpo,
De sua alma fiel formoso abrigo,
Abrazado em furor levanta a espada.
Baixa, qual raio, o golpe, o sangue em jorros
Salta, e com elle se lhe esváe a vida.

Mal em terra a divisa, eis se lhe apossa
Dos membros o terror; foge, e os seus passos,
Nos longos corredores resoando,
Pavor lhe infundem, porque vão com elle
Do seu crime os remorsos.

Oh! maldita a ambição que uniu conformes
A irmã cruel e falsa, e o esposo ingrato,
Feroz e desleal contra a innocencia!

Mas do céu a vingança
Não tarda; Leonor o throno deixa,
Deixa o poder, a estrella que aos seus crimes
Das trevas da sua alma a conduzira;
Tudo perde: o esposo, o sceptro, o amante,
A patria, e em meio do remorso a vida.

Elle no peito o inferno,
Longe dos seus, na terra do desterro,
Sómente do seu crime acompanhado,
Vê o irmão sobre o throno, e afflicto morre.

PARA UM TUMULO

Entre rochas, á sombra do cypreste,
Candida rosa, despontaste um dia,
E, mal nascida, o pranto que verteste
Cahiu da tua mãe na lousa fria.

Eras formosa, e a propria formosura
De que foste dotada te perdeu;
Mas se amor te cavou a sepultura
Foi só para te dar o amor do céu.

CANÇÃO DO PESCADOR

Trabalhosa é nossa vida
Entregue ás ondas e ao vento;
Podemos vêr n'um momento
A cova o mar nos abrir.
Entre incerteza e esperança,
Sempre á sorte larga a véla,
Não sabemos se procella,
Ou calma nos ha de vir.

Mas, por mais que seja o p'riego,
Tudo esquece o pescador
Quando á volta em casa entra,
E acha n'ella paz e amor.

É feliz nossa pobreza;
Ás vezes traz mal o ouro;
Nós temos nosso thesouro
No mar e na mão de Deus.
Em nosso barco ligeiro
Que nos leva onde queremos,
Em nossas vélas e remos,
N'este sol, e n'estes céos;

Mas inda mais na alegria
Que acha á volta o pescador,
Na mulher que ha muito o espera,
Nos filhos, na paz, no amor.

A ESTRELLA E O TUMULO

Á MORTE DO POETA PORTUGUEZ SOARES DE PASSOS

Pobre mancebo, nunca mais teu canto,
No qual o coração todo vasavas,
Ha de prender-nos em suave encanto.

Para teus males embalar cantavas,
Qual faz o viajor em agra via;
Muitos criam sómente que sonhavas.

Sonhavas, mas co'a luz do ethereo dia;
Não com o mundo, não, que o seu ruido
Ao longe e em confusão tua alma ouvia;

Qual naufrago do mar embravecido
Já livre, que, das costas apartado,
Apenas lhe ouve o indomito rugido.

Só, nos teus pensamentos embrenhado,
Ias buscando outro ar, outra existencia,
Como a tinhas em extasi ideado,

Eterna, pura, de divina essencia,
Sem trevas, sem fadigas, sem escolhos,
Qual a gosa dos anjos a excellencia.

E levavas fitados os teus olhos
N'uma vivaz, fascinadora estrella,
Sem do caminho vêres os abrolhos.

O que é que te importavam? tinhas n'ella
Teu sêr, a tua luz nos seus fulgores,
E resplendia tão serena e bella!

Era o astro dos celicos amores,
Que d'esta ingrata vida transitoria
Te convidava a abandonar as dôres.

Era o sol do porvir, o sol da gloria,
Que te dizia: caminhar ávante
Para alcançar o premio da victoria.

E tu ias co'a fronte radiante,
Parecendo escutar as suas vozes,
Quasi a colher a palma triumphante.

Mas cada vez os cardos mais atrozes
Te punham o corpo lacerado;
Nem já eram teus passos tão velozes.

E mais e mais fazia-se apertado
O caminho, e mais ingreme e fragoso,
Do sangue de teus pés já purpurado.

Porém, o olhar no astro luminoso,
Que então com maior brilho te guiava,
Tu soffrias o transito penoso.

Que mysterios dos anjos te contava
Para assim te prender o pensamento,
Que das cousas do mundo não cuidava?

Como fazia claro o firmamento!
Mas eis pára de subito na altura,
Igual ao proprio sol no luzimento.

Não o pódes fitar, tanto fulgura!
Baixas a vista perturbada, cega,
E tropeças em fria sepultura.

Tu que chegaste aqui a mim te chega,
Declarava o epitaphio, aqui o termo
É do caminho, aqui a dòr socega.

«Bem, descansemos, pois, meu peito enfermo
Não póde ir mais ávante; o pouso é este.»
Dizes, olhas em roda e vês um ermo,

Sem ar, sem agua, requeimado, agreste,
Monótono, sem fim, sem esperança,
Onde a vida o pavor da morte veste,

Onde as procellas nunca tem bonança,
Onde harmonia é da tormenta a lucta,
Ermo do negro inferno similhaça.

Mas n'este passo clara voz se escuta
De harmonia tão candida e argentina,
Que do céo, não da terra se reputa.

Sequiosa tua alma o ouvido inclina
Ao tumlo, pois sôa dentro d'elle,
E vai atraz do encanto que a fascina.

«Um secreto poder te chama e impelle
Ao meu seio, ó miserrimo poeta;
Vem a mim, já que o mundo te repelle.

Eis a final do padecer a meta;
Descansa do trabalho; Deus o ordena;
Trouxe-te aqui o teu fatal planeta.

Vem, troca a triste vida em vida amena,
Annos de dôr em florea eternidade,
A fadigosa guerra em paz serena.

Vem, eu só posso dar-te a realidade
Dos sonhos teus que o mundo não entende.
Para o que soffre a morte é f'licidade.»

Estas palavras magicas desprende
A voz mysteriosa, e o monumento
Do teu astro co'a luz todo resplende.

Depois escutas celestial accento
Que entra no coração, e grato aroma
Aspiras que amenisa o soffrimento.

Um deliquio depois teu corpo toma;
Sentas-te nos degraus da sepultura,
E suave torpor teus olhos doma.

Depois a fronte inclinas; visão pura
Te lança os braços, n'elles adormeces,
E em breve acordas na celeste altura!

Assim, misero bardo, assim feneces!
Mas, cada vez mais radiosa e bella,
Sobre o tumulo teu, qual se vivesses,
Vive, reluz ainda a tua estrella.

PARA CANTO

Salve, noite silenciosa,
Casto abrigo da saudade,
Em ti posso em liberdade
O meu pranto derramar.
Vem consolar minhas dôres,
Vem ouvir o meu chorar.

Quantas vezes confidente
Do meu amor não has sido;
Porém tudo está perdido,
Já ninguém me quer amar.
Vem ao menos, noite amiga,
Vem ouvir o meu chorar.

Mas se nem tu, piedade
Tens da minha triste vida,
Venha a morte compungida
Tão grande dôr acabar,
Venha, e nunca mais, ó noite,
Ouvirás o meu chorar.

AMEMO-NOS

Amemo-nos, amemo-nos;
Da passageira vida
Inteiro o fundo calice
Bebamos, ó querida;

Mas eu n'esses teus labios,
E tu nos labios meus,
Em longos tragos, soffregos,
Como licor dos céos;

Dando-me tu em osculos,
Ó rosa, o teu perfume,
Eu da minh'alma dando-te
O ardor que me consumme.

Embora sôe o fremito
Do mundo baixo e vil,
Embora, nós gosando-nos
Em sempiterno abril,

Como em seu ninho alcyone
Vagando sobre as aguas,
D'este mundano pélago
Vaguemos entre as mágoas,

Porém alçando canticos
De paz ao Creador,
Porém cantando unisonos
Amor, sómente amor.

O que mais quero? as glorias
Da terra são-me inuteis;
És meu desejo unico,
O resto... cousas futeis.

É muito mais que a purpura
Viver em doce enleio
N'esses teus braços tremulos
De amor e de receio,

Receio d'alma pudica,
Medo do pejo filho,
Que inda te faz mais candida,
Que inda te dá mais brilho.

O que é todo o espectaculo
Dos céos, da natureza?
Prazer pequeno, frivolo,
Ao pé de ti, belleza.

Quanto ha na terra esplendido,
Quanto ha nos céos divino
Tudo me ostenta prodigo
Teu rosto peregrino.

Quizesses tu! podiamos,
Inveja dos humanos,
Como quieto corrego,
Sentir correr os annos,

Eu nos teus olhos vendo-me,
E tu vendo-te em mim,
Do peito meu no intimo,
No meu amor sem fim.

De rosas e de-lyrios
Juncára-te os caminhos,
Déras-me em paga innumerous
Afangos e carinhos.

Fôras meu Deus, meu idolo,
Eu teu escravo fôra,
Em te servir solícito,
Como a real senhora.

Assim os dias prosperos
Correram do existir.
Do que passava improvidos,
Fiados no porvir,

Assim entre delicias
Unidos, abraçados,
A vida lograriamos
Sem pena, sem cuidados.

Ah! se o quizesse... ouve-me,
Bem sabes quem t'ô pede;
Amor, de tudo arbitro,
Tambem t'ô roga, cede.

Cede, não sejas impia,
Vem, que te espero, vem;
E a vida, mar inhospito,
Ser-me-ha formoso edên.

NOTAS

A sombra de Carlos Alberto—pag. 7

Esta poesia foi publicada pela primeira vez na *Corôa Poetica*, volume de prosa e verso escripto com o fim de festejar o casamento de el-rei. O muito que então se fallava na cessão provavel e pouco remota de Roma para capital do reino de Italia, é que lhe deu origem.

O cahir das folhas—pag. 13

A edição de que me servi para esta versão foi a impressa em Bruxellas no anno de 1829.

José Estevão—pag. 23

Quem presenciou o sentimento e o espanto que de repente se espalharam em Lisboa ao divulgar-se a fatal noticia da morte do grande orador, e quando tanto se esperava do seu amor á liberdade e da sua palavra inspirada, poderá comprehender estes versos, compostos no proprio momento, e debaixo da impressão de tamanha perda.

A Camões—pag. 33

Este bem conhecido soneto foi traduzido a rogo do snr. visconde de Juromenha para entrar na nova edição das obras de Camões, que está dando á luz, e achá-se impresso no volume primeiro.

O juizo de Páris—pag. 48

Uma poesia mythologica n'esta época é uma verdadeira raridade; mas o assumpto desculpa-me. Foi-me elle dado pelo snr. Castilho para servir de nota a uma passagem da sua traducção dos *Fastos de Ovidio*.

A gloria—pag. 61

Não nos levarão a mal transcrever aqui parte do commentario que Lamartine pôz no fim d'esta ode.

Cette ode est un des premiers morceaux de poesie que j'aie écrits, dans le temps où j'imitais encore. Elle me fut inspirée à Paris, en 1817, par les infortunes d'un pauvre poëte portugais appelé Manoel. Après avoir été illustre dans son pays, chassé par les reactions politiques, il s'était refugié à Paris, où il gagnait péniblement le pain de ses vieux jours en enseignant sa langue. Une jeune religieuse, d'une beauté touchante et d'un devouement absolu, s'était attachée d'enthousiasme à l'exil et à la misère du poëte. Il m'enseignait le portugais et m'apprenait à admirer Camoëns.

A questão Charles-George—pag. 77

O assumpto d'esta poesia está e estará gravado em todos os corações portuguezes; por isso não precisa explicação. O que é preciso porém dizer, é que não sahii na occasião d'aquelle triste acontecimento, não por culpa minha, mas pela dos redactores d'um periodico, cujos nomes calo por vergonha, os quaes depois de a reterem muito tempo com varios pretextos, e de haver passado a época em que devia ser impressa, me declararam que a não tinham inserido no seu periodico por ser muito portugueza.—Feliz defeito e grandes patriotas!

Á morte de Napoleão—pag. 110

A respeito da versão d'esta bella ode, reputada quasi impossivel de reproduzir na nossa lingua, conservando a mesma forma, e a mesma nervosa concisão do original sahii na *Corrispondenza Letteraria*, de Turim, um artigo do snr. Vegezzi Ruscalla, illustre traductor da *Marilia de Dirceu* de Gonzaga, e do *Frei Luiz de Sousa* de Garrett, que transcrevemos em seguida.

L'ode il 5 Maggio tradotta in portoghese

Se l'Italia ha nel cav. Andrea Maffei tale distinto poeta da far sì che le poesie inglesi e tedesche, da lui volte in italiano, paiano cose affatto originali, il Portogallo ha nel cav. Ramos Coelho un poeta, così profondo conoscitore del nostro idioma, da far reputare di nascita portoghese le poesie italiane ch'egli trasporta nel suo idioma natio.

La traduzione ch'egli mandò, non ha guari, in luce della grand'epopea dell'immortale Torquato, n'è splendida testimonianza; ma mentre mi riserbo di scriverne in proposito, oggi, quasi a preludio delle altre, trovo bene di far noto come il Ramos Coelho abbia dato alle stampe, non é guari, la versione della magnifica ode di Alessandro Manzoni, ode che, pe'suoi ardimentosi costrutti, offriva difficoltà quasi insuperabili.

Il portoghese é idioma assai affine all'italiano, e, quasi quasi, ne gareggia l'armonia, ma formando i plurali colla suffisione della *s*, e non ammettendo voci principianti da *s* impura, dovendovi far precedere, come lo spagnuolo ed il francese, una *e*, ne deriva che, soventi volte, volendo nella versione conservare la parità di ritmo, riesce difficilissimo riprodurre tutto quanto il testo per quest'aumento sillabico.

Ecco intanto alcuni passi dell'ode manzoniana colla versione a fronte, affinché tutti-possano giudicare della maestria con cui il traduttore portoghese gareggiò col testo.

Seguem-se os doze primeiros versos e continúa:

E così va innanzi con non mai scemata fedeltà. Il ritmo, l'avvicendamento delle rime e l'intersecazione delle voci sdruciole è nella versione come nell'originale; per altro non posso trattenermi dal riferirne ancora le due ultime strofe così belle.

E depois de as reproduzir:

O m'inganno a partito, o si veramente quest'ode diventò bilingue. Coloro poi che hanno qualche dimestichezza colla lingua portoghese, così copiosa e resa tanto forbita dagli scritti di una gran pleiade di chiarissimi autori, a cominciare da Bernardino Ribeiro per giungere fino a Feliciano Castilho, come Omero e Milton cieco della luce degli occhi, ma veggente coll'intelletto, potranno da questi due brani dell'ode manzoniana giudicare quanto il cav. Ramos Coelho la padroneggi a sua posta; ma ne avrò, come dissi, maggior campo, allorchè parlerò della sua traduzione della Gerusalemme Liberata.

As poesias posthumas de A. de Cabedo—pag. 122

Estes versos foram escriptos a pedido do snr. A. Feliciano de Castilho para fazerem parte d'uma edição das poesias posthumas do infeliz mancebo, de que todos choramos a perda, edição que, infelizmente, ainda não viu a luz pública. A. de Cabedo era principalmente poeta satyrico, e morreu victima do trabalho e da infelicidade.

*Fragmentos traduzidos do Childe Harold de Byron—
pag. 126*

São estes fragmentos o que me resta de tudo que traduzi d'este poema de Byron. A—*Despedida*—já sahiu nos meus *Preludios Poeticos*, mas dou-a de novo com algumas correccões.

A canção do pescador—pag. 157

Sahi a primeira vez nos *Contos ao Luar* do snr. Julio Cesar Machado, para onde elle me pediu que a compozesse expressamente.

INDICE

	<i>Pag.</i>
A Sombra de Carlos Alberto	7
O cahir das folhas	15
Quadros de amor	18
Esboço	22
José Estevão	25
Sonho	30
A Camões.	33
Saudades do estio	34
Invocação.	36
Primicias de amor	38
A Setubal.	42
N'um album	44
Só tu	45
O juizo de Páris	48
Contraste	53
A.	55
A minha riqueza	57
Lágrimas bemditas	59
A gloria	61
Que lembranças.	64
A minha poesia.	67
Traduzido de André Chenier	70
Quem sou eu	72
Anceio e dôr	73
A questão Charles-George	77
Ao pintor portuguez Annunção	80
Conselho	85
Frieza	87

	<i>Pag.</i>
Uma noite	90
Segredos de amor	95
Comparação	97
À concordata do Oriente	98
Triste sem ti	102
A uma trança	107
À morte de Napoleão.	110
A minha sorte	118
Enleio	121
Às poesias posthumas de A. de Cabedo	122
Sem esperança	124
Fragmentos do <i>Childe Harold</i>	126
Nunca mais	144
Um quadro	147
Acorda	148
Teu nome.	150
D. Maria Telles.	152
Para um tumulto	156
A canção do pescador.	157
A estrella e o tumulto.	158
Para canto	162
Amemo-nos	163

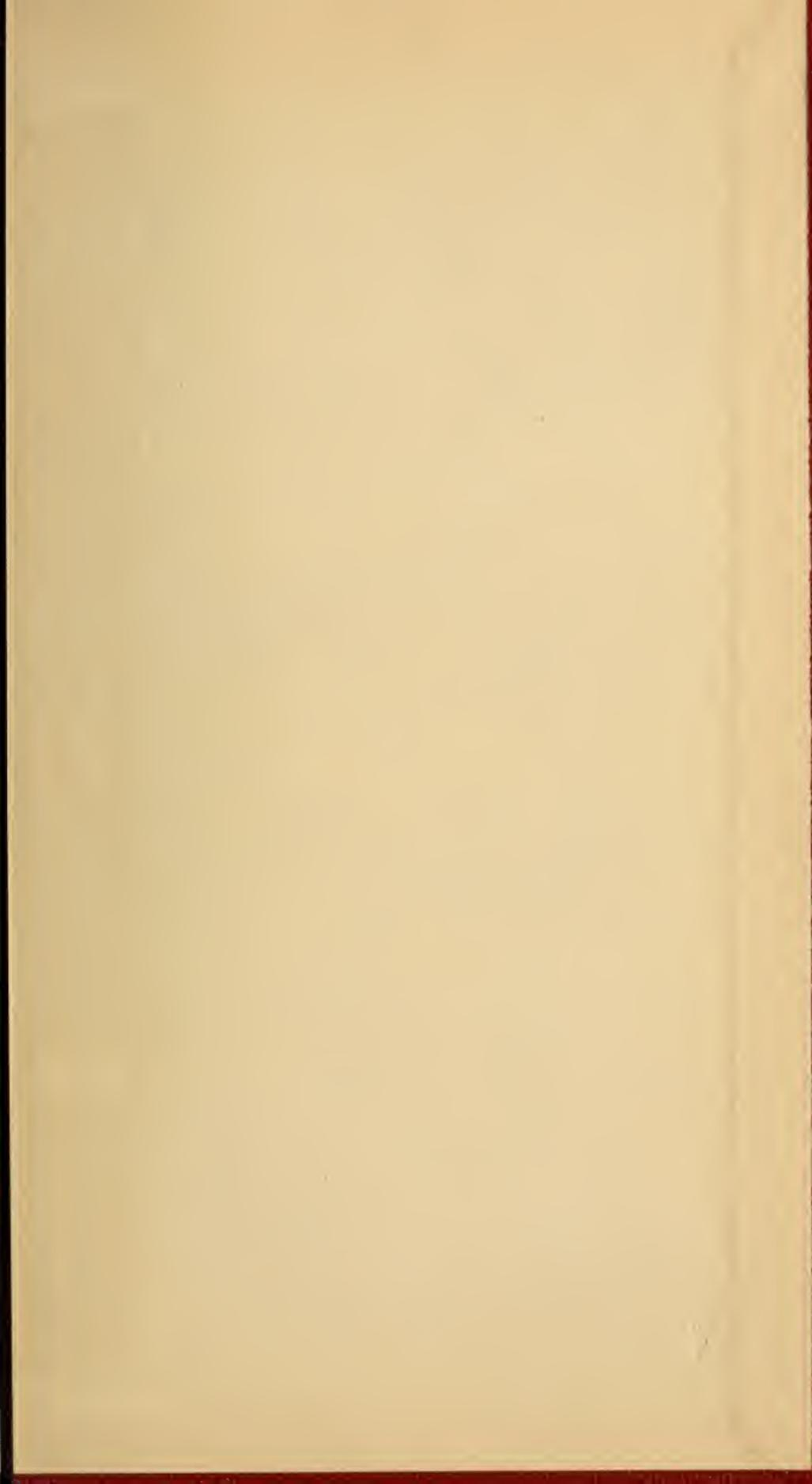


Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION

111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111



LIBRARY OF CONGRESS



0 024 331 290 5

